

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL**

BRUNA APARECIDA DAL PIAZ DANELLI

PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA REGIÃO CELEIRO DO RS

**Ijuí
2014**

BRUNA APARECIDA DAL PIAZ DANELLI

PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA REGIÃO CELEIRO DO RS

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Vera Lucia Spacil Raddatz

**Ijuí
2014**

BRUNA APARECIDA DAL PIAZ DANELLI

PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA REGIÃO CELEIRO DO RS

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí

Data de aprovação: 28/11/2014

Banca Examinadora:

Profª Vera Lucia Spacil Raddatz (Orientadora)

Profª Márcia Formentini (Arguidora)

Profº Marcio da Silva Granez (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por me dar forças para prosseguir meu caminho sempre com muita fé e foco. À minha família, pois sem ela a realização deste trabalho não seria concretizada. Ao meu namorado Adriano e sua família, que estiveram sempre ao meu lado. Agradeço também aos professores, pelos quais possuo admirável respeito, pois nunca me negaram uma explicação e sempre conceberam especial motivação em cada trabalho produzido. Em especial a minha orientadora Vera Raddatz que esteve sempre comigo, como uma amiga, incentivando a pesquisa e os estudos.

Obrigado aos meus colegas, parceiros e amigos que possuo e conquistei durante esta inesquecível trajetória. Sem a ajuda deles, os trabalhos não seriam concretizados e não seriam tão prazerosos de realizar como foram.

Meu muito obrigado, enfim, a todos aqueles que, de uma ou outra maneira, tornaram este sonho uma realidade.

RESUMO

A sociedade em rede fez com que o uso das tecnologias nos últimos anos fosse elevado. Os chamados nativos digitais estão conectados a tudo. Muitas pessoas que viveram a transformação tecnológica não conseguiram se adaptar às tecnologias. As escolas também não seguiram no mesmo ritmo, mas agora tentam se inserir nesta realidade. Os estudos da Educomunicação chegam até as escolas para reforçar a relação entre a comunicação e a educação aliando tecnologias como mediadoras na produção de novos conhecimentos. Esta pesquisa visa compreender e analisar as práticas educacionais do ponto de vista dos secretários de educação e coordenadores pedagógicos dos municípios da Região Ceilero do Rio Grande do Sul, buscando compreender como as políticas públicas pensam a relação entre as mídias, as tecnologias e a educação no século XXI.

Palavras-chave: comunicação, educação, educomunicação, Região Ceilero;

TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Dados dos Municípios pesquisados.....	36
Quadro 1 - Questões para os Secretários.....	40
Quadro 2- Questões para os Coordenadores Pedagógicos.....	40
Quadro 3 – Outras questões.....	40
Quadro 4 – Pontos positivos.....	43
Quadro 5 – Pontos negativos.....	45
Quadro 6 – Principais tecnologias na educação da Região Celeiro.....	51
Quadro 7- Projetos para os próximos anos.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. COMUNICAÇÃO.....	10
1.1. Informação versus comunicação.....	12
1.2. Sociedade em rede.....	14
1.3. Educação no século XXI.....	18
2. EDUCOMUNICAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	22
2.1 Mediação na construção de conhecimento.....	28
2.2 Mídia-Educação.....	30
2.3 Educomunicação e Mídia-Educação: similaridades e diferenças.....	34
3. EDUCOMUNICAÇÃO NA REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL	36
3.1 A visão dos Secretários Municipais e Coordenadores Pedagógicos sobre comunicação e educação	41
3.2 Projetos de educomunicação: experiências e dificuldades.....	46
3.3 Perspectivas e tendências em comunicação e educação.....	58
CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

A sociedade em rede está repleta de novas tecnologias. A intensificação das TICs após os anos 80, que não foram inventadas com caráter educativo, fez com que essa ideia fosse pensada. O desenvolvimento rápido dos meios fez com que muitas pessoas não acompanhassem o ritmo com que se expandiram. Outras tiveram que se adaptar. No campo da educação, o ensino tradicional, mesmo com a erupção das tecnologias, não deixou de ser seguido e as TICs não conseguiram entrar pela porta da frente. O uso das mídias e das tecnologias nas escolas é muito recente, embora o processo de transformação tecnológica já tenha iniciado, em decorrência, principalmente da necessidade dos nativos digitais. Em outras escolas, ainda há certo despreparo e falta de motivação para colocar em funcionamento uma nova metodologia que utilize as tecnologias como forma de mediação do processo de produção do conhecimento.

Nesse contexto, os estudos de educomunicação são potencializados como teoria e prática. A educomunicação nasce das indagações de estudiosos que querem mostrar o poder das tecnologias como motivadoras e capazes de transformar o modelo de educação. Tudo isso interligado a um elemento primordial em uma sociedade: a comunicação. É ela que faz com que o diálogo se transforme em troca de experiências entre as pessoas. A escola precisa gerar ecossistemas comunicativos capazes de gerar entendimento e cidadãos críticos. Os alunos nascidos com o pleno desenvolvimento das TICs tem total apoderamento e sabem manuseá-las com facilidade. O papel da escola é fazer a ponte entre o saber manusear e o transformar em conhecimento e não mais transferir conhecimento.

A ideia central deste trabalho é pesquisar e analisar como as secretarias municipais da Região Ceileiro compreendem a relação das TICs (tecnologias da informação e da comunicação) na produção do conhecimento. Essa temática vem ao encontro da realidade em que os indivíduos vivem hoje. A sociedade digital está estabelecida e quase todos fazem uso das tecnologias. Estudar o contexto em que elas são utilizadas e se servem de ferramenta para a construção do saber é de extrema importância.

Este trabalho centra-se no estudo da educomunicação e de como as escolas estão construindo conhecimento hoje, dentro das perspectivas das SMECs dos 19 municípios

da Região Celeiro. Os estudos da interface da educação e da comunicação norteiam a pesquisa, pois a partir deles podemos entender o desenvolvimento dos sistemas de informação, a busca e a aceitação das tecnologias dentro de salas de aulas e como elas estão sendo aproveitadas como ferramentas para ensino-aprendizagem.

No primeiro e segundo capítulo são apresentados os conceitos que norteiam o trabalho. A comunicação, o desenvolvimento das TICs e a educação são assuntos que precisam ser discutidos para chegar-se a nova teoria em que se baseia esta pesquisa: a educomunicação. Autores como Juan Díaz Bordenave, Deleuze e Guattari, Paulo Freire e Ismar de Oliveira Soares sustentam esta abordagem teórica, fundamentando a análise da pesquisa de campo deste estudo, que mostra que o ser humano precisa da comunicação e que por necessitar tanto dela, cria ferramentas que conectam todos, aperfeiçoando o relacionamento com o próximo e com a sociedade. A comunicação é essencial em todos os aspectos e áreas. Os dois campos distintos: educação e a comunicação precisam buscar relação constantemente, para que em âmbito escolar, professor e aluno troquem experiências a partir do diálogo, da mediação das tecnologias, e, assim possam formar cidadãos críticos para dentro e para fora da sala de aula.

A pesquisa de campo e a análise das práticas educomunicativas estão descritas no terceiro capítulo. Nele são avaliadas as entrevistas realizadas com os secretários e educação e coordenadores pedagógicos dos municípios da Região Celeiro. Este trabalho oferece um panorama de como as secretarias de educação estão pensando a relação entre tecnologias, mídias e educação e como estão sendo realizados os projetos envolvendo-as. A prática educomunicativa mostra que a tecnologia é importante e precisa ser empregada como ferramenta de mediação juntamente com outro elemento em sala de aula: o diálogo recíproco entre educando e educador.

O estudo das teorias e a importância da pesquisa de campo proporcionam um resultado relevante. Os dados coletados constituem uma espécie de diagnóstico das práticas educomunicativas da Região Celeiro do Rio Grande do Sul. Estas e outras questões abordadas no trabalho cooperam com os estudos na área e revelam, principalmente a partir da análise realizada, a importância de refletir sobre o assunto e como ainda é incipiente a proposta das secretarias de educação nesta região do Estado, tendo em vista o pressuposto da Educomunicação.

1. COMUNICAÇÃO

A comunicação tem um longo percurso durante toda a história. E desde o princípio até os dias de hoje mostrou-se necessária para a vida humana. Os primeiros povos que se desenvolveram, utilizavam-se de meios para comunicar-se. Gestos, mímicas, pintura em cavernas, grunhidos eram as formas usadas para estabelecer contato uns com os outros. Assim como os mantimentos garantem a vida, a comunicação também se fez necessária para a sobrevivência. E ela foi se aprimorando. O ser humano foi desenvolvendo técnicas para melhorar o diálogo e conseqüentemente o convívio com os demais. Juan Díaz Bordenave descreve por meio de uma comparação, como foi o processo da comunicação ao longo da história:

Assim como cresce e se desenvolve uma grande árvore, a comunicação evoluiu de uma pequena semente- a associação inicial entre um signo e um objeto- para formar linguagens e inventar meios que vencessem o tempo e a distância, ramificando-se em sistemas e instituições até cobrir o mundo com seus ramos. E não contente em cobrir o mundo, a grande árvore já começou a lançar seus brotos à procura das estrelas. (BORDENAVE, 1982, p. 23).

Para Bordenave (1982) a comunicação transformou a realidade em que os primeiros povos viviam. Para ele, a comunicação abre o pensamento dos sujeitos, tornando-os mais abertos e podendo até modificar a realidade em que estão inseridos. Essa mudança é influenciada pelo compartilhamento de experiências, ideias e sentimentos. Essa relação entre eles pode influenciar e modificar a realidade. Bordenave acredita que sem a comunicação, “cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo” (p.36).

A comunicação ao longo da história foi incorporando ferramentas a fim de melhorar os processos comunicacionais entre as pessoas. No começo as técnicas eram básicas, mas com o passar dos anos o processo foi tornando-se rápido e aprimorado. Exemplo disso foi o telefone. Criado com poucos recursos, com pouquíssimos usuários. Mais tarde foi sendo mais vendido e modificando-se. Hoje, encontramos diversos celulares, com muitos recursos, muito mais do que uma pessoa precisa. Com o passar dos anos mais funcionalidades em menos tempo. Passou da escrita, para o telégrafo, televisão, do cinema, depois ao telefone, o computador com a internet, Ipad, Smartphone, tornando a relação das pessoas desterritorializadas, ou seja, não precisam

estar próximas para haver a comunicação. Por meio das tecnologias podem estabelecer o diálogo mesmo estando fisicamente separadas.

A comunicação demorou a ser reconhecida como ciência. É a partir da metade do século XX que ela ganha força. Bordenave (1995) explica que ela não tinha ganhado espaço como objeto de estudo até então, porque comunicar era comparado a um fenômeno tão natural quanto a respiração. Por isso, “a maior parte de suas teorias e pesquisas foram resultantes de outras ciências já consolidadas como a Psicologia, a Sociologia, a psicologia Social, a Antropologia e a Ciência Política” (BORDENAVE, p.99, 1995). É a partir de outras áreas que a comunicação vai se enraizando e criando bases sólidas para os seus estudos. É a partir do reconhecimento como ciência, que os estudiosos empenhados a descobrir como a comunicação atuava e principalmente, os meios de comunicação se massificavam que surgiram várias teorias.

Hipodérmica, funcionalista, da persuasão, crítica, entre outras teorias estudaram a aplicação da comunicação em todos os aspectos da vida cotidiana, seus efeitos e o papel dos meios sobre os indivíduos da massa. Dentre estas, a teoria crítica se destacou ao anunciar que a televisão e os meios eram alienadores. Estudada pela Escola de Frankfurt, apresentava a mídia como influenciadora dos sujeitos. Seus estudiosos mostravam que o modelo produzido era o de repetição. Assim, demonstravam que a arte, por exemplo, era deixada de lado, sendo considerada um produto de consumo da massa e acabava perdendo o seu caráter artístico. Essa teoria fez com que muitos indivíduos enxergassem as mídias com outros olhos. Daquela época até hoje, muitos acreditam que o poder de manipulação e alienação está concentrado na televisão e outras mídias.

Essa característica de tornar o cidadão alienado e manipulado fez com que muitas escolas, e até hoje, divulguem o poder negativo que a televisão e outros meios exercem sobre os sujeitos. Aulas de sociologia e filosofia revelam os pontos negativos dessas ferramentas, deixando de lado o aspecto positivo. Ao contrário do que foi pensado, os meios e as mídias são consideradas arte e tecnologia. Bordenave afirma que a tecnologia porque, baseada em descobertas científicas, a época moderna presenciou o desenvolvimento acelerado de novos mecanismos transmissores explica:

O uso dos meios de comunicação é ao mesmo tempo arte e tecnologia. Arte, porque os meios não são frios e indiferentes transportadores mecânicos de mensagens, mas sim, parte do patrimônio artístico do

homem, que busca, através deles, sua auto-expressão e a produção de valores estéticos (BORDENAVE, p.56, 1995).

É mais tarde, já na década de 80 que alguns estudiosos da área da comunicação começam a repensar o poder da televisão e dos outros meios. Eles propõem que no processo de comunicação existem mediações e o receptor é ativo.

1.1 Informação versus comunicação

O avanço da sociedade anda a passos largos. Caracterizada como sociedade mídia ou em rede, tudo o que é produzido em relação às TICs é muito rápido e a cada dia se torna obsoleto. O celular que é produzido hoje, amanhã já é substituído por outro mais moderno. A informação tem como uma das principais características a instantaneidade. A notícia de agora, daqui a um minuto já tem inúmeras para substituí-la. A ansiedade de saber o que está acontecendo a todo momento faz o universo das tecnologias e da comunicação passar muito ligeiramente fazendo com que seja impossível saber tudo. O turbilhão de informação é maior que a capacidade humana de estar atento para o todo. E essa rapidez ao invés de sanar as necessidades do sujeito gera uma falta de comunicação, mesmo com todos os aparatos tecnológicos produzidos para acabar com o problema.

Pensar em informação não é obter comunicação. O sujeito tem o pensamento de que ao possuir todos os instrumentos tecnológicos e informações estará comunicando. Os meios além de proporcionar facilidades, mediam o processo de comunicação. Porém, como escreve Dominique Wolton, nos dias de hoje há uma incomunicação, gerada pelo fato de que “a informação tornou-se abundante; a comunicação, uma raridade. Produzir informações e a elas ter acesso não significa mais comunicar” (2010, p. 16).

Wolton (2010) trabalha com o conceito de “Aldeia Global”, definida por McLuhan em 1962. As tecnologias encurtaram as distâncias entre as pessoas, com isso o termo aldeia significa que com o progresso tecnológico o planeta se reduziu a uma aldeia estando todos interligados. Porém, Wolton acredita que ao invés das pessoas estarem se comunicando pelo fato de terem muita informação e condições, isso está complicando a comunicação. Há na verdade uma incomunicação. O autor escreve sobre o sonho utópico de uma aldeia, quando na verdade ele afirma que vivemos em uma torre, a de Babel.

A constante ansiedade de informação gerada pelo avanço e rapidez das TICs levou a uma má interpretação do que é verdadeiramente o intuito da informação, das tecnologias e principalmente da comunicação. O verdadeiro sentido dos termos está se perdendo. A informação é confundida com comunicação, e ao mesmo tempo não há compreensão, o que há é desentendimento. A falta de entendimento é causada pelo excesso de notícias, pois com a rapidez dos meios, criou-se a necessidade de estar informado constantemente, e essas informações normalmente sem conteúdo, causam a incomunicação.

Há diferenças entre comunicar e informar. Mas, estes sentidos podem estar interligados no processo de construção de notícias. Segundo Wolton (2010), a informação tem várias categorias, ou seja, a oral, imagem e texto e estão presentes em diversos suportes. Como a informação-notícia, a informação serviço, e a informação conhecimento, porém falta a informação relacional que está em todas as categorias e remete ao desafio humano da comunicação. É a partir daí que surge um paradigma, o de como transformar informação em conteúdo, para que possa haver comunicação. Nos dias de hoje essas etapas estão sendo “atropeladas” e causando um alvoroço. E o paradigma tem de ser resolvido durante a produção de conteúdo para os meios e não inverter e responsabilidade. Wolton traz um questionamento sobre a ideologia da comunicação que temos hoje. Ele afirma que é

transferido para as ferramentas o trabalho de resolver problemas sociais para os quais elas são habilitadas. É crer que quanto mais tecnologias houver, mais os indivíduos se compreenderão. Significa subordinar o progresso da comunicação humana e social ao progresso das tecnologias (WOLTON, 2010, p. 29).

A falta de comunicação é vista como um problema gerado pelos meios e as tecnologias que tiveram alto crescimento desde a sua evolução. Mas essa percepção, de culpar as TICs não é correta, pois “o suporte não é o conteúdo” (WOLTON, 2010, p. 36). A frase demonstra que as ferramentas foram criadas como suporte e que a falta de conteúdo encontrada, é provocada pelo emissor da mensagem. Aqui todos são produtores. O emissor é pensado como o produtor, o receptor que interage com a informação e torna-se o emissor.

No momento da produção de informação existem, segundo Wolton (2010), desvios da informação. Observa-se que ao mesmo tempo em que a rapidez das

tecnologias facilita a publicação de mensagens, perde-se em outros termos, como por exemplo, a profundidade dos assuntos. De forma resumida alguns pontos que o escritor aborda tratam sobre o pensamento de que o fato de ter mais informação disponível não cria diversidade, e sim, gera uniformização, pois todos os meios abordam a mesma coisa, sempre da mesma maneira.

A velocidade com que as informações são postadas na rede impede o aprofundamento no assunto. Ao mesmo tempo, que não há aprofundamento e que tudo é dito diretamente, não ocorre uma contextualização cultural sobre o fato ou a matéria. O furo de reportagem é tido como concorrência e fortalece a ideia de cultura da urgência, gerada pela presença da internet. É preciso ir rápido ao ponto. Chegar rápido ao local, compreender acontecimentos complexos em qualquer lugar. Tudo isso para vencer a concorrência. O autor também escreve sobre a complexidade de comunicar na atualidade, para ele ao mesmo tempo em que há mais informações, normalmente idênticas, há cada vez mais intolerância e desinformação.

Na comunicação existe um paradigma e busca-se uma resposta para chegar a um modelo que as pessoas se compreendam utilizando as informações. O caminho é fazer com que comunicação e informação andem juntas, mesmo tendo pontos diferentes. É construir materiais com conteúdo e informação, transformando em conhecimento, pois na medida em que isto ocorre, haverá comunicação. Wolton acredita ainda que mesmo com um mundo acelerado há tempo para aprofundar-se e viver os acontecimentos. Para ele, “ontem, comunicar era compartilhar e reunir, ou unir. Hoje, é mais conviver e administrar discontinuidades. Cada um desses conceitos, informação e comunicação, absorve uma parte do referencial do outro” (2010, p. 27).

1.2 - Sociedade em rede

No princípio as primeiras tecnologias não eram totalmente ligadas à comunicação, mas estabeleciam uma relação. O fogo, as sementes, a invenção da roda eram instrumentos que ajudaram na sobrevivência dos primeiros povos e também fez com que eles deixassem de ser nômades. Não se pode dizer que não havia comunicação antes disso, mas anteriormente a esses fatos os grupos de seres humanos eram menores, pois não viviam somente em um local. Exploravam todos os ambientes em busca de comida. Após essas invenções eles começam os primeiros agrupamentos que foram dando espaço ao que é hoje uma sociedade.

Passados muitos anos, as técnicas foram evoluindo. Primeiramente tecnologias voltadas à agricultura. Depois surge então, a invenção da escrita, e em 1455 a prensa de Gutemberg que revolucionou a humanidade e se tornou um importante evento no período moderno. A criação de Johannes Gutenberg fez surgir uma economia baseada no conhecimento, na disseminação da aprendizagem e impulsionou a produção de livros.

Telégrafo, telefone, rádio, televisão e outras muitas invenções foram cada vez mais aperfeiçoando os processos comunicacionais entre as pessoas. Mas, há quarenta anos, ocorreu a virada para um horizonte que agora torna-se multimídia. Pierre Levy escreve sobre cibercultura e fala sobre a transição das tecnologias mais fortemente na década de 70. Para ele os anos de 1970 marcam uma data da virada, mas é em 1980 que as tecnologias perdem a capacidade técnica para, “fundir-se com as telecomunicações, a editoração, o cinema e a televisão” (1999, p. 32).

Esse novo espaço abria as portas além do caráter industrial, mas “as tecnologias digitais, surgiram então, como a infraestrutura do ciberespaço, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LEVY, 1999, p. 32).

A criação dos computadores e da internet estabeleceu uma conexão entre todos. O ciberespaço criado por Levy (1990) apresenta-se como um lugar privilegiado da inteligência coletiva. Ele comenta que o ciberespaço não desenvolve a inteligência, apenas cria um ambiente propício. Vem ao encontro da ideia de ciberespaço os estudos de Deleuze e Guattari. Eles concebem a rede como um rizoma, ou seja, uma teia de conexões capazes de fazer os sujeitos irem e virem, na forma que optarem por buscar o conhecimento. É dessa forma que há uma relação entre os estudos, pois nos dois conceitos, o espaço (ciberespaço e rizoma) é criado para que o indivíduo desenvolva o conhecimento que pretender.

Gilles Deleuze e Félix Guattari citam vários princípios que caracterizam o rizoma, como por exemplo: princípios de conexão e de heterogeneidade, princípio de multiplicidade, princípio de ruptura a-significante. O princípio de conexão e heterogeneidade é descrito pelos autores como

qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um

ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (DELEUZE, 1995, p.14).

A conexão apresentada faz com que o sujeito navegue e busque conhecimento seguindo várias linhas de pensamento. Pode começar a pesquisa em uma determinada área e prosseguir em outras. Essa capacidade de ir e vir amplia o conhecimento, tornando o cidadão conhecedor de múltiplas áreas que estão interligadas.

3º - Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. (DELEUZE, 1995, p.15)

A multiplicidade descrita por Gilles Deleuze e Félix Guattari mostra que a internet é múltipla. Além de ser comparada a um rizoma, ou seja, uma teia de conexões, ela apresenta uma gama de possibilidades aos sujeitos. O usuário encontra muito mais do que ele precisa, e é ele quem faz a escolha das áreas, podendo ir e vir durante as suas buscas, dentro do princípio de ruptura. A dinamicidade da rede faz com que cada vez mais pessoas conectem-se a esta ferramenta.

4º - Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. (DELEUZE, 1995, p.17)

Com todas as tecnologias, que ao longo da história foram aprimoradas, a sociedade caracteriza-se como sociedade midiática e em rede. Isto, conforme Manuel Castells fez ocorrer “uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado (1999, p. 39)”.

Castells caracteriza o atual modelo tecnológico em que não só a informação é central, “mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação, em ciclo

de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (1999, p. 69). Ele explica ainda que as tecnologias não devem ser somente aplicadas, mas desenvolvidas para que criadores e usuários tornem-se a mesma coisa. Hoje já se vê o receptor muito mais ativo e interativo com o que está ao redor dele. O sujeito é capaz de produzir e enviar conteúdo para qualquer lugar do planeta.

A sociedade em rede é interligada, embora os sujeitos estejam desterritorializados, porque através das TICs (tecnologias da informação e da comunicação) ele pode estabelecer contato sem sair de casa, usando um telefone ou computador. A internet contribui com o crescimento de usuários às tecnologias. Hoje o indivíduo não precisa ter um computador para conversar, pesquisar, trocar informações. Ele pode estar em qualquer lugar, utilizando somente um aparelho celular com acesso à internet que estará comunicando-se com quem quiser, a baixo custo. O alcance é em outra dimensão, ou seja, todo o planeta.

A sociedade mídia caracterizada pela expansão das tecnologias fez crescer também o número de usuários que as utilizam. Em 2011 o número de usuários chegou aos dois bilhões. E a cada dia o número cresce. No Brasil, em 2012, eram 83 milhões de usuários de internet, o que correspondia a 46% da população. As TICs oferecem a cada nova invenção rapidez e comodidade às pessoas. Grande parcela das pessoas utiliza a internet e as tecnologias para seu conforto e entretenimento, muitas vezes esquecendo se usadas adequadamente, podem ir além do entretenimento e possibilitar a produção e a troca de conhecimentos.

As TICs apresentam dinamicidade e cada vez mais rapidez. A internet é um guia para todos. Com uma simples palavra, milhares de resultados aparecem e o usuário é quem decide como faz a sua pesquisa. Esse crescimento rápido da utilização das tecnologias fez com que muitos não conseguissem seguir no mesmo ritmo. A população que nasceu diante de meios tradicionais, como rádio e televisão, não adaptou-se rapidamente com o surgimento do computador e de outras TICs que foram construídas a partir dele. Estavam acostumados e não perceberam o grande salto que as mídias deram. Muitos conseguiram a adaptação, com dificuldades, outros sem nenhuma e alguns perderam-se no caminho.

Já os nativos digitais, os filhos daqueles que nasceram quando não existia o computador e outras TICs, manuseiam com uma facilidade imensa todos os aparelhos

que são apresentados. Característica dessa nova geração é a curiosidade, da busca de saber o novo, do desprendimento. Nasceram quando as tecnologias estavam estabelecidas. Manuseiam não somente um meio, mas vários ao mesmo tempo e aprendem com muita facilidade. Mas a facilidade de acesso não representa a procura do conhecimento. Utilizada como ferramenta para o entretenimento, as TICs estão sendo pouco utilizadas como fim de produção de saberes.

Os mesmos nativos digitais que utilizam as tecnologias são aqueles que chegam ao ambiente escolar e se deparam com uma realidade totalmente diferente da que encontram fora da escola. As escolas não acompanharam o progresso tecnológico por muitas razões. É dessa forma que a escola deve estar preparada para esse novo paradigma, o de ensinar, trocar conhecimentos utilizando a mediação das tecnologias presente na vida dos estudantes. É importante que eles percebam que as tecnologias não são o centro de tudo, apenas um suporte para potencializar a produção do conhecimento.

1.3 - Educação no século XXI

A educação por muitos anos seguiu um padrão tradicional e fixo. Poucos conseguiram inovar dentro do ambiente escolar. Com a evolução das TICs, e a importância dada a elas, a educação teve que buscar novas formas para acompanhar o progresso e trazer para dentro de sala de aula os nativos digitais. Eles nasceram diante das tecnologias e estão procurando ambientes educativos inovadores e, que façam o uso delas. Mas, o processo de implantação das TICs dentro de escolas não é tão rápido como o crescimento dessas tecnologias.

A cada dia uma nova invenção. O que antes era tradicional está se reinventando, correndo em busca do digital. A educação também está passando por um processo de mudança, na tentativa de repensar as suas práticas e metodologias, tendo em vista o seu público alvo. Antigamente, ensinava com padrões rígidos e agora procura algo que desperte a curiosidade e o interesse pelo conhecimento nas crianças e jovens. Muitas escolas iniciaram o processo de transformação tecnológica. Em outras, ainda há certo despreparo e falta de motivação para colocar em funcionamento uma nova metodologia que também contemple as tecnologias.

O ensino utilizou por um longo período o quadro negro, o giz, o livro como ferramentas didáticas. Com o passar do tempo incluiu a televisão e o vídeo para veicular alguns filmes clássicos e realizar reflexões sobre os meios. A rigidez com que o sistema de ensino foi criado, não abriu as portas para alternativas inovadoras e condizentes com a realidade em que se vive. O avanço das tecnologias se intensificou nos últimos trinta anos, embora muitos já realizassem projetos revolucionários no campo da educação no começo do século XX. Celestín Freinet com uma simples máquina de escrever e a vontade enorme de renovar os modos de ensino, professores e alunos produziam jornais aliando comunicação e educação. Paulo Freire apostava no modelo de pedagogia crítica em que aluno e professor deveriam trocar experiências cotidianas entre si. Os dois esperavam que os seus modelos desenvolvessem muito mais que alunos inteligentes, queriam que se transformassem em cidadãos críticos.

Os nativos digitais estão conectados a um mundo totalmente diferente do que a escola proporciona. Ao se deparar com o universo rígido do ambiente escolar, os jovens acabam desmotivados. As tecnologias não foram construídas para educar, tinham um intuito diferente quando criadas, mas surgem no ambiente educativo como meio de mediação, de motivação para a pesquisa e o conhecimento. O desenvolvimento e utilização das tecnologias, cada vez maior por parte das crianças e jovens, está criando a necessidade de apropriação dessas ferramentas pela escola.

Com a posse de vários instrumentos digitais e o desejo de mudança, não resta outra alternativa para os locais de ensino, se não, o de reinventar. Esse reinventar não é trazer tecnologias somente para dizer que é inovadora, mas sim por em prática o funcionamento das TICs em todas as áreas do saber. Elas não foram criadas para serem armazenadas em armários. O papel delas é fazer com que o professor atue como mediador e utilize-as como motivação para os alunos e que possam criar e pesquisar neste espaço do saber.

A educação criou padrões que até mesmo hoje, muitos seguem como uma verdade. A prática do ensino foi pensada como uma extensão, uma transferência de saberes. O educador Paulo Freire salienta que a sala de aula deve ser um ambiente de diálogo recíproco e não apenas um lugar em que se transfere conhecimento, pois existe uma co-participação dos sujeitos. Ele afirma que, “não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário” (1977, p.66,

grifo do autor). É dessa forma que educação deve ser pensada. Dentro da sala de aula não é somente o professor que pensa, mas os alunos devem participar para que haja uma troca e não simplesmente uma transferência. O professor é o mediador, não importando a conclusão da reflexão dos sujeitos envolvidos e sim a relação, o diálogo que a mediação proporcionou.

A comunicação é o centro de tudo. O diálogo faz com que exista uma troca de ideias entre todos. Freire acredita no poder do comunicar e dialogar. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1977, p. 69). É indo ao encontro desses dois pontos que educador e educando constroem o saber juntos, construindo perguntas e respondendo-as. A curiosidade do aluno nunca deve terminar, pois se isso ocorrer morrerá a vontade de buscar a resposta. O professor deve instigar incessantemente a curiosidade dos seus alunos para torná-los inquietos e críticos.

Outro ponto interessante em Freire é o “sistema bancário” que acaba por deformar a criatividade dos educandos. Segundo ele, os alunos precisam manter “vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o "imuniza" contra o poder apassivador do ‘bancarismo’” (1996, p.13, grifo do autor).

Paulo Freire explica que o sistema bancário é um modelo no qual o professor é o detentor de todo o conhecimento e o aluno nada sabe. Para Freire isto gera uma relação vertical. É dessa forma que o educador, que possui o saber, deposita o conhecimento no educando.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece os educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los (FREIRE, 1987, p.33).

A educação vista por este modelo, cria pessoas acomodadas com o que acontece. Este não é o ensino que se quer seguir. Ele ressalta a importância de professor e aluno se comunicarem, construírem um diálogo para a transformação das informações em conhecimento. Hoje, muito se utiliza da didática que ele nos deixou. Nas palavras de

Freire, “educar não é transferir conhecimento, mas sim a construção de professor e aluno”, destacando a importância do diálogo recíproco.

Diferente do modelo de educação passivo que muitas vezes é transmitido, Freire propõe a educação libertadora que abre espaço ao diálogo, a comunicação, o levantamento de problemas, o questionamento e reflexão sobre o estado atual de coisas, na busca incansável por transformação. É dessa maneira que os sujeitos conhecem a sua realidade e tentam transformá-la.

O ambiente escolar não é somente constituído de parte administrativa, pais, professores e alunos. Para a educação não há hierarquias, ambos devem atuar em conjunto. Como diria o filósofo e educador Paulo Freire (1996), deve se estabelecer uma dialógica que permita que educador, educandos, pais e escola construam o diálogo e, que todos possam ter voz e vez na construção de saberes. A dialógica ensinada por Freire prevê que haja uma troca de conhecimentos, onde o professor não somente ensine, mas aprenda com o aluno.

Com os estudos e o desenvolvimento das tecnologias, muitas escolas estão caminhando rumo à inovação, abrindo as portas para o novo, que desperta a atenção do aluno e faz com que ele interaja com professores e colegas. É seguindo os princípios da educomunicação que escolas utilizam das TICs como mediadoras do conhecimento. As crianças e jovens já estão inseridas no processo de digitalização e precisam encontrar na escola, espaços para debater, utilizar e produzir com as tecnologias.

Cada escola deve buscar elementos que motivem os alunos a criar interesse pelo conhecimento. Os nativos digitais estão acostumados a lidar com as tecnologias em suas casas, mas quando chegam ao ambiente escolar e se deparam com uma realidade diferente da sua, do não uso das TICs, ficam desinteressados. É por isso que a escola deve compreender as necessidades de seus alunos, utilizando as tecnologias e não deixando armazenadas nos armários. O século XXI traz um desafio à educação, trabalhar de forma dinâmica utilizando as tecnologias como forma de mediação e ferramenta para busca do saber.

2. EDUCOMUNICAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em 1980, a evolução das tecnologias já tinha dado grandes passos. No início o telégrafo, a máquina de escrever, a imprensa, o rádio, o telefone, a televisão, o cinema. O aperfeiçoamento ocorreu de forma gradual. Cada um teve sua época de ouro. A comunicação e os aparatos que construíram, cada vez mais facilitavam a vida das pessoas. Mas o uso deles não deveria estar somente ligado ao conforto, entretenimento proporcionado por eles. Estudiosos mostraram que estes aparatos poderiam ter outra funcionalidade, capaz de estimular os cidadãos a serem mais ativos e críticos. Nesse entorno é que ganham evidência os estudos de uma nova teoria, a educomunicação, que tem suas origens no princípio do século XX.

A utilização de instrumentos para estimular a democracia dentro de sala de aula já era realizada no início do século XX, como francês Celestín Freinet¹. Ele trouxe para a sala de aula a iniciativa da máquina de escrever e construiu um jornal escolar. A iniciativa não foi aceita na época e causou a demissão do professor da escola. O ensino tradicional do período não abriu as portas para o que hoje, é considerado um ensino inovador e gerador de cidadania.

Um dos primeiros estudiosos a pensar a teoria da educomunicação é Mario Kaplún. O jornalista argentino denominou o termo Educomunicador, para o ator social que atua na interface entre a Comunicação e Educação, e em atividades sociais, como o jornalismo comunitário. Ismar Oliveira Soares explica o papel do educador. Para ele, é o agente cultural que atua em espaços formais e não formais e gestor de processos comunicacionais:

Um agente cultural com conhecimentos suficientes no campo da educação e com o manejo profundo das teorias, linguagens e técnicas da comunicação. Sobretudo, um profissional com capacidade de criação, para dar vida e sentido aos recursos colocados pela civilização a serviço de toda a humanidade. Trata-se de um verdadeiro

¹ Célestin Freinet nasceu em 1896 em Gars, povoado na região da Provença, sul da França. Foi pastor de rebanhos antes de começar a cursar o magistério. Em 1920, começou a lecionar na aldeia de Bar-sur-Loup, onde pôs em prática alguns de seus principais experimentos, como a aula-passeio e o livro da vida. Em 1927, fundou a Cooperativa do Ensino Leigo, para desenvolvimento e intercâmbio de novos instrumentos pedagógicos. Em 1928, já casado com Élise Freinet (que se tornaria sua parceira e divulgadora), mudou-se para Saint-Paul de Vence, iniciando intensa atividade. Cinco anos depois, foi exonerado do cargo de professor. Mais informações em: <http://www.freinet.org.br>

gestor de processos comunicacionais: faz nascer e gerencia projetos e produtos na área da comunicação nos espaços do ensino formal e não formal (SOARES, 1995, p. 45).

De acordo com Kaplún (1983) existem três modelos de educação e comunicação divididos em pedagogia transmissora, persuasora e problematizadora. Para o jornalista, a primeira dá ênfase aos conteúdos e seu objetivo é que os alunos aprendam. A segunda dá ênfase aos efeitos, dessa maneira quer que o aluno opte pelas condutas desejadas. E a terceira, destaca a importância do processo de transformação da pessoa e da sua comunidade. Não se preocupa com a matéria e nem com o comportamento, mas sim com a interação entre as pessoas e sua realidade.

Os modelos comunicacionais a partir da caracterização de Kaplún são a educação transmissora que segue o esquema transmissor enviando mensagem para o receptor; a condutora, que trata da unidirecionalidade, mas há outra instância, que é a do *feedback*. E por último a problematizadora, que traz o conceito de retroalimentação, que é muito mais do que a participação e sim, a mediação de efeitos.

A educomunicação foi pensada inicialmente como educação para os meios. Mas com os constantes estudos provou-se que ela iria além. Com a expansão rápida das tecnologias notou-se a importância delas e da comunicação. É dessa maneira que Ademilde Sartori descreve sobre o processo dos meios de comunicação e das relações sociais e culturais.

A importância que a comunicação assumiu na sociedade atual nos obriga a olhá-la como uma nova força nas relações cotidianas, em todas as esferas sociais. O século XIX reorganizou-se econômica, política e socialmente em função do desenvolvimento industrial e do crescimento das relações entre povos e culturas; o século XX confrontou-se com a onipresença dos meios de comunicação que escancarou a força dos dispositivos de informação presentes em cada canto do planeta de forma instantânea, produzindo sentidos, induzindo ideologias; tudo isso acarretou profundas consequências na vida individual e coletiva dos séculos XX e XXI, inclusive na educação. (SARTORI, 2005, p.2)

Ao escrever sobre os modelos comunicacionais Kaplún (1983) cita Piaget e Freire, tratando a educação como a construção do saber e não a que pensa o aluno como passivo, como se ele somente aprendesse por transmissão e sem elaboração pessoal. O educando deve participar fazendo perguntas e buscando as respostas para chegar ao

conhecimento. O conteúdo não se introduz na mente do educando, precisa-se de processos que facilmente serão absorvidos.

Na mesma época Jesús Martín-Barbero estudava a teoria sobre os meios de comunicação, anteriormente caracterizados por teorias críticas e funcionalistas como meios alienadores. A televisão, principalmente, era vista com certo receio. Há pouco tempo atrás a TV e as tecnologias eram pouco utilizadas em escolas. Muitas disciplinas nas escolas, ainda hoje, seguem uma linha crítica contra as TICs. Barbero insistiu em trabalhar as mediações antes mesmo de analisar as programações. Para ele, isso seria o mais importante para se chegar a uma análise mais construtiva.

Por isso, em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão (BARBERO, 1997, p. 292).

Os meios de comunicação desde que foram criados tinham um papel de importância na sociedade. Primeiramente o rádio, logo após vem a televisão que toma grande parte do público ouvinte, dos atores e o espaço daquele que já havia vivido seus anos de ouro. A imagem nas telinhas, que agora ocupava o centro da sala encantava a todos. Diferente do que acontecia no rádio em que as radionovelas eram somente imaginadas, a TV chegava para revolucionar o mundo da comunicação. Os shows que apresentava aliavam música e a imagem dos cantores. Com todo o encantamento que a televisão chegou e tomou para si, começaram a nascer críticas à seu modelo. Com o surgimento da teoria frankfurtiana, que criticava não somente a TV, mas todos os meios fez nascer certo tipo de receio contra as mídias.

No Brasil, a Universidade de São Paulo (USP) tem uma ampla pesquisa em torno da teoria da educomunicação. Ismar de Oliveira Soares é um estudioso nessa área. A universidade é o espaço de pesquisa sobre esta teoria e onde, inclusive, há uma formação superior para pessoas que queiram se tornar educomunicadores. Além disso, a USP mantém o NCE – Núcleo de Comunicação e Educação que propõe práticas em torno do tema e as realiza em escolas para o estudo e pesquisa para o avanço da educomunicação. Este objetivo vai além do fato de trazer tecnologias para o ambiente escolar e sim fazer “educação para a comunicação (pg. 5)”, ou seja, o diálogo e a troca

entre educador e educandos a partir de práticas dentro de um ecossistema. O estudo da educomunicação na percepção do NCE apresenta-se como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de curriculares ou dependem da ação isolada aprendizagem (SOARES, 2002, pg. 24).

Martín- Barbero também contribui com suas pesquisas para o conceito de recepção de conteúdo e educomunicação através de ecossistemas comunicativos. A mídia não aliena. Há processos de mediação que faz com que os receptores vejam o conteúdo com diversos olhares. A educomunicação trabalha a questão do uso das TICs no ambiente escolar. Martín-Barbero (2003) define a educomunicação como ecossistemas comunicativos em que haveria uma conexão entre todos os elementos que implicam na educação e na comunicação, como fatores integrados para a produção do conhecimento. É preciso olhar esse contexto para:

[..] pensar no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Um entorno difuso, pois está composto de uma mescla de linguagens e saberes que circulam por diversos dispositivos mediáticos, mas densa e intrinsecamente interconectados; e descentrados pela relação com os dois centros: escola e livro que a vários séculos organizam o sistema educacional (BARBERO, 2003, p.67).

Soares (2002) tem se dedicado a percorrer o Brasil divulgando os estudos de educomunicação e a importância de projetos dessa natureza. O professor é reconhecido pela formulação do conceito a partir das pesquisas brasileiras que embasam teoricamente a educomunicação e como ela deve ser trabalhada. Ele trabalha a gestão comunicativa que trata-se “de um campo voltado para o planejamento e execução de políticas de comunicação educativa, tendo como objetivo a criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e por suas tecnologias (SOARES, 2002, pg. 24).

A gestão comunicativa que Ismar aborda trata do diálogo como fundamental em qualquer relação do nosso cotidiano. Não somente em ambiente escolar, a comunicação deve estar presente para haver trocas de saberes e entendimento. Dentro de sala de aula deve ocorrer um planejamento para a criação de ambientes de diálogo e que Martín-Barbero chama de ecossistemas comunicativos. Eles são objetivos alcançados de uma

boa gestão. Fazer com que professor e aluno troquem experiências garante a eles o conhecimento de novos saberes. É nesse espaço que as tecnologias da informação e da comunicação devem ser inseridas, ou seja, em locais onde prevaleça o diálogo e as TICs façam o papel da mediação.

Com os estudos da relação educação/comunicação está ocorrendo uma expansão, mesmo que tímida, do conceito relacionado ao desenvolvimento de práticas inovadoras em ambiente escolar. Soares refere-se aos cursos de capacitação para os professores e comenta sobre as dificuldades de concretizar ao mesmo tempo a comunicação e a educação:

O que restringe o professor é uma didática muito amarrada e não permite que ele vá além daquilo que já foi estabelecido pela didática há muitos anos. É preciso experimentar novos trabalhos. Dentro do espaço de uma aula você pode ter uma ação educomunicativa (SOARES, 2010, p.1)

Rosa Bueno Fischer acredita no aperfeiçoamento e ampliação do repertório. Ela explica que o professor dentro de sala de aula deve mostrar experiências que servirão para o resto da vida das crianças. Desse modo ela propõe que sejam utilizados meios e mídias, principalmente aqueles que contêm materiais selecionados e diferenciados para criar sujeitos mais críticos em relação ao que veem. O que se vê hoje, é que quando há experiências com as TICs são normalmente atividades que preenchem os espaços das aulas, principalmente quando o professor se ausenta por algum motivo. Além de não haver um planejamento, uma busca de materiais adequados, não há um diálogo a respeito do que está sendo trabalhado. Assim, o aluno não tem um aprofundamento do que está sendo passado.

O trabalho pedagógico insere-se justamente aí, na tarefa de discriminação que educadores e estudantes precisam exercitar cotidianamente em sua prática pedagógica, e que, a meu ver, inclui desde uma franca abertura à fruição (no caso, de programas de TV, comerciais, criações em vídeo, filmes veiculados pela TV, etc.) até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção de linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem falar nas emoções e sentimentos que cada uma das narrativas suscita no espectador. Trata-se de uma proposta destinada, nos diferentes níveis de escolarização, a mergulhar na ampla diversidade da produção audiovisual disponível em filmes, vídeos, programas de televisão, e que certamente nos informará sobre profundas alterações ocorridas nas últimas décadas nos conceitos de cultura erudita, cultura popular, cultura de massa, artes visuais, e assim por diante, mas especialmente sobre importantes mudanças nos

modos de subjetivação, de constituição do sujeito contemporâneo (FISCHER, 2005, p. 158)

A professora Ademilde Sartori escreve em um artigo sobre a inter-relação dos dois campos, comunicação e educação. De acordo com ela a elaboração de novos modelos se faz necessário.

A aproximação Comunicação-Educação exige um novo pensar que re-elabore modelos pedagógicos e novas estratégias de intervenção na sociedade que consigam responder aos processos mediáticos e educacionais contemporâneos. Esta exigência se coloca na medida em que tanto o desenvolvimento tecnológico, quanto as mudanças econômicas e sociais, como produtores de novos padrões culturais, têm colocado em pauta para a escola um re-posicionamento diante do que dela se exige: encaminhamentos intencionais que preparam as pessoas para a inserção crítica na sociedade (Sartori, 2006, p.1-2).

Sem dúvida o que a educomunicação quer mostrar na prática é que há espaço para inovação dentro de ambiente escolar. E todos devem estar envolvidos para que isso aconteça. A escola não é constituída somente pela parte administrativa e pedagógica, pais devem estar inseridos no processo de uma educação libertadora. É preciso que a interação entre os campos da educação e da comunicação estejam intrinsecamente ligados. As tecnologias por si só não vão estimular alunos e professores. Elas garantem motivação, mas aliadas à mediação do professor e o diálogo entre alunos e educador. A escola atua dessa forma juntamente com os pais, em forma de apoio e força para que sejam colocados em práticas. Tecnologias, mediação e diálogo devem estar juntos e não esquecidos nos armários.

Inovar é a palavra-chave de quem quer muito mais do que aprendizado, quer conhecimento libertador e democrático. Rosa Bueno Fischer deixa uma mensagem aos professores no final de seu artigo “Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas”, de que, as possibilidades de criar conteúdos diferentes são infinitas. “E podem propiciar que nós, professores, alunos e alunas, ousemos criar um saber-fazer, como ferramentas diferenciadas para pensar de outro modo o presente que vivemos” (2007, p.299).

O estudo da educomunicação dentro de sala de aula precisa levar em conta o tipo e a qualidade das tecnologias, para obter um resultado mais efetivo e de fato auxiliar dentro do espaço escolar e motivar o aluno para a pesquisa, pois ele já faz uso dela fora desse ambiente. As tecnologias fazem a mediação do processo do conhecimento. Professor precisa utilizar as tecnologias, porque por meio delas criam-se possibilidades de inovação e, conseqüentemente, de novos aprendizados.

A tecnologia é importante nos dias de hoje, pois possibilita que o usuário seja produtor de conteúdo de forma dinâmica e interessante. Mas, ela não necessita se sobressair em relação às outras formas de produção de conteúdo, mas ser aliada no processo da aprendizagem, atuando como mediadora. O professor de sala de aula tem que estar ciente dessa função e saber que ele vai atuar como orientador e proponente desse processo. O diálogo garante a troca de multisaberes e faz com que os alunos participem da criação e da comunicação. A tecnologia deve ser pensada, portanto, como ferramenta de mediação, não como educação.

2.1 - Mediação na construção de conhecimento

Jesús Martín-Barbero mostrou que havia mediações no processo de recepção das mensagens, em que os receptores reinterpretavam o que ouviam e liam, sendo ativos no processo de comunicação. Martín-Barbero (1997) propõe três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. O autor explica como acontecem as mediações dentro destes locais. Dentro de convívio familiar ele mostra que é, “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações (1997, p. 293)”. É nesse espaço que há o desejo de manifestar-se. Cada sujeito sente-se livre para expor as suas opiniões e críticas e é isso que demonstra exercer a cidadania. Os meios a partir de agora, mostram os vários pensamentos e através das mediações dentro do ambiente familiar todos são chamados a pensar sobre todas as formas de leitura e codificação da televisão.

O estudioso propõe dessa forma um novo olhar sobre a comunicação, a partir da recepção, e não somente a análise da produção. No processo de comunicação há muito mais do que emissores, há também meios, mensagens, receptores e o *feedback* em que hoje, em tempos de tecnologias é muito importante. O receptor hoje torna-se o emissor e logo dá o retorno sobre o que está acontecendo, diferente do que acontecia há alguns anos. Para ele, a análise deve começar pelas mediações:

Por isso, em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a

materialidade social e a expressividade cultural da televisão (BARBERO, 1997, p. 292).

A temporalidade social é tratada pelo estudioso (1997), não somente o tempo da sequência horária da TV, do sistema produtivo, mas a continuidade do tempo que gera uma descontinuidade do fato narrado, ou seja, atrás do seriado que é veiculado todo o dia no mesmo horário há outras linguagens, “como a do conto popular, a canção com refrão, a narrativa aventuresca (1997, p.296)”, que a cada dia se transformam e fazem com que haja a troca de informações sobre a cotidianidade. Em terceiro a competência cultural atua na televisão por meio dos gêneros. Mesmo que muitos críticos não vejam a televisão como cultura, esses elementos segundo Barbero, “constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos (1997, p.299)”. Assim os vários gêneros ativam a competência de cada sujeito com seu modo de pensar e ele percebe as diferenças que existem.

É com a teoria das mediações que os meios, principalmente a televisão, começam a ser vistos com outros olhos. Desde que a teoria crítica tinha sido pensada e difundida, a TV era comparada com a palavra alienação. O surgimento de novas tecnologias ao longo do período e o aprofundamento dos estudos desmentiam a tese que dava à televisão e aos outros meios poder absoluto sobre as massas no que diz respeito às mensagens veiculadas. Pelo efeito da mediação os horizontes estariam abertos e os cidadãos teriam papel mais ativo. Lipovetsky defende a importância das mídias, acentuando o seu papel de contribuir para a educação, mesmo que não tenha intenção específica de educar, pois “através de noticiários e dos debates, a mídia “mecanicamente” abre os horizontes de cada um, dando a conhecer diferentes pontos de vista e oferecendo diversos esclarecimentos” (2004, p.72). E, assim, o receptor seleciona por meio de comparações o que ele deseja ver, pensar e falar.

Sobre mediação e a importância que ela representa, Maria Aparecida Baccega (2003) acredita que o espaço em que o indivíduo vive também é determinante, pois ao redor dos receptores há uma série de aspectos que influenciam na interpretação. Baccega afirma que existem diversos aspectos que influenciam: “existem muitas outras mediações interferindo na leitura/interpretação que a criança faz de cada programa: além da família, as instituições religiosas, o grupo de amigos, a escola, etc.” (2003, p.

64). Ela também comenta que o conhecimento que os sujeitos adquirem é através dos meios.

Na realidade contemporânea, uma das principais mediações entre nós e a realidade objetiva são os meios de comunicação, com destaque para a televisão. Nosso conhecimento do mundo, desde as situações que povoam nosso cotidiano até aquelas que ocorrem a quilômetros de nós, está mediado por esses meios (BACCEGA, 2003, p.18).

A mediação deve ser a abertura do olhar, compreendida como uma troca mútua entre os indivíduos. Essa troca equivale a críticas, a sugestões que juntas formam o diálogo de democracia. A mediação ocorre em todos os aspectos, físico e virtual, não somente com a televisão, mas a partir de agora ainda mais com as novas tecnologias para gerar novos saberes. Pierre Levy diz que “as tecnologias digitais surgiram então, como a infraestrutura do ciberespaço, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (1999, p. 32).

2.2 - Mídia-Educação

Nos estudos contemporâneos relacionados à comunicação e à educação há outra corrente denominada Mídia-Educação, protagonizada principalmente por estudiosos da área da educação. A Mídia-Educação (ME) pensa a interface entre a educação e a comunicação, mas, voltando o olhar principalmente sobre como a escola e o professor estão realizando a mediação entre esses dois campos. O objetivo da ME é a educação para as mídias tornando a formação do aluno crítica e ativa para todas as tecnologias e meios de comunicação. Os estudos voltados para este termo se baseiam principalmente nas práticas de Celestín Freinet e na pedagogia de Paulo Freire.

Celestín Freinet é lembrado por suas práticas pedagógicas inovadoras, como a máquina de escrever e a constituição de um jornal escolar, com o objetivo de mostrar aos educandos como eram produzidas as notícias, como fazer a leitura delas e como manifestar a liberdade de expressão nos alunos. Freinet segundo Mônica Fantin, trabalhava com os seus educandos a prática das mídias, porque acreditava que, “a ideia de conhecer fazendo pressupõe que a aprendizagem se constrói através da experiência do fazer, ou seja, o sujeito precisa fazer para aprender” (2007, p. 8).

Paulo Freire propõe a discussão, o diálogo entre professor e aluno para que troquem experiências. Para Freire o professor não é o detentor de saber, ao contrário, ele tem que instigar em seus alunos a curiosidade e aprender junto deles. Ele tem que instigar o pensamento sobre os meios e tudo o que acontece ao seu redor, tornar cidadãos com conhecimento próprio e diferenciado para poderem exercer a sua cidadania.

Os estudos de Mídia e Educação mostram várias formas de trabalhar as mídias dentro de sala de aula. A internet tem certo valor nos dias de hoje, mas, outros meios podem ser trabalhados no mesmo sentido, por vezes agregando mais aprendizados. Mônica Fantin demonstra que o cinema pode ser uma forma de chamar a atenção do aluno, por isso, “Devido à riqueza potencial formativa do cinema, essa dimensão do recurso é inevitável, pois faz parte da natureza de sua inserção na escola” (2007, p.5).

Cinema é uma obra de arte onde se encontram associados diversos campos, como o da estética, cultura, história, valores sociais. Mas, Fantin alerta para o uso do cinema só como espaço formativo.

E é nesse limiar entre o uso “escolarizado” que restringe o cinema a um recurso didático e o uso do cinema como objeto de experiência estética e expressiva da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens humanas que podem inspirar outras práticas escolares que situo a importância de redimensionar o caráter instrumental do cinema (FANTIN, 2007, p. 5).

Dentro do campo de Mídia-Educação existem também paradigmas a serem compreendidos. Um dos principais é entender que dentro de ambiente escolar as ferramentas midiáticas são importantes, mas as crianças e jovens devem estabelecer outras formas de interações. Para Fantin,

Nessa perspectiva ecológica, o objetivo do trabalho educativo na escola não é apenas o uso das tecnologias em laboratórios multimídia, e sim que a criança atue nesse e noutros espaços estabelecendo interações e construindo relações e significações. A mediação deve ser pensada também como forma de assegurar e/ou recuperar a corporeidade – o gesto, o corpo, a voz, a postura, o movimento, o olhar como expressão do sujeito – e a relação com a natureza como espaço vital através do qual se constroem sentidos (FANTIN, 2007, p. 2).

A mediação e o diálogo, assim como na Educomunicação, são importantes para estabelecer uma comunicação transformadora, em que informação se torne conhecimento. Além do campo do diálogo, outras formas são reforçadas pelos estudos

da ME. Dessa maneira é manter o corpo sincronizado com a natureza para a geração de sentidos.

A dificuldade de inserir as mídias e principalmente o receio dos professores em trabalhar com as TICs encontrada nos estudos práticos da Educomunicação são deparados no ambiente da ME. No Brasil, as práticas com mídias estão um pouco longe de serem métodos cotidianos. Muitas escolas oferecem tecnologias, mas o professor não faz a mediação do processo do uso dos meios com a produção do saber. Fantin destaca alguns pontos positivos que podem ser obtidos com o cinema na sala de aula. Estes resultados podem ser vistos na utilização de outros meios de comunicação.

A potencialidade formativa da produção de um audiovisual envolve tanto as diversas dimensões do cinema (cognitiva, psicológica, estética, social) em seus diferentes momentos (pré-produção, produção e pós-produção), como as diversas práticas educativas e culturais que configuram uma experiência teórica, prática, reflexiva e estética (FANTIN, 2007, p 7).

Por isso, o papel do professor é instigar o seu aluno a pensar de um modo diferente, com um olhar mais crítico. Para tanto é tarefa do professor a busca de materiais que possibilitam a reflexão. Fantin acredita que se deve, “ampliar o repertório cinematográfico de crianças significa assegurar acesso a uma diversidade de temas, abordados das mais diferentes formas. Trazer filmes de diferentes países e culturas para a escola e mostrar outros modos de ver” (2007, p.7-8).

Com a dificuldade em conseguir materiais tecnológicos para as escolas, a ME não acredita que os alunos que não tenham contato com as mídias sejam excluídos digitais. Pensar em inclusão digital, segundo Fantin (2009), não é ter o pleno acesso às máquinas, mas pensar profundamente o uso delas. É usufruir de todas as potencialidades que elas oferecem. Não é pensar o aparato tecnológico e sim, no que ele pode ajudar no aspecto físico e racional do ser humano e o que o professor como mediador em sala de aula pode levar de inovador, mesmo não sendo um meio tecnológico.

As escolas devem pensar as TICs como um todo e muito mais que o ensino das tecnologias, deve haver uma discussão sobre o papel dos meios nas vidas das crianças, seus aspectos positivos e negativos. Se o ambiente escolar não detém as tecnologias, e muitas ainda não tem, é preciso inovar dentro do espaço oferecido. Mas o que não pode

ser deixado de lado é a comunicação, a capacidade de pensar, criar novas formas de produção.

A educação deve ser pensada como uma forma cultural, muito mais do que aparatos tecnológicos e conteúdos. Fantin revela que se o pensamento inovador voltar-se somente às TICs está se fazendo da escola um espaço físico, quando na verdade é um espaço de formas culturais, onde alunos estão neste local para trocar experiências, conhecer novas e saber viver com as igualdades e diferenças.

De encontro ao pensamento de que as escolas não precisam pensar somente na questão tecnológica para serem inovadoras, vem outra questão que Monica Fantin considera importante para todo o sistema de educacional brasileiro. Ela acredita que,

Sem uma política de investimento na escrita se continuará a produzir a desigualdade na alfabetização digital, dado que esta necessita do domínio da escrita. É preciso notar ainda que as políticas de inclusão digital não podem se limitar à escola e ao ensino formal (FANTIN, 2009, p. 78).

A política de investimento deveria aliar educação com as tecnologias, pois sem dúvida nenhuma é o que se busca nos dias de hoje. É uma realidade que a escola tem que se adequar, mesmo que o espaço das mídias tenha tomado a grande atenção. E a ME não quer criticar as tecnologias por invadirem os espaços da educação, porque asseguram formas de socialização, construção da inteligibilidade do mundo. Fantin acredita que aliado a isso se precisa “conceber e apoiar novas formas de apropriação das práticas sociais de leitura e escrita, promovidas, sobretudo, com o acesso à cultura digital (2009, p.79)”.

A Mídia-Educação, portanto, é um campo “de reflexão teórica sobre as práticas culturais e um fazer educativo, e assim pode constituir-se como um espaço de aproximação significativa entre cultura, educação e cidadania” (2009, p.79). Dentro deste campo existem três eixos que foram denominados por estudiosos da ME, que representam os “3 C”, pois todos começam com a mesma letra. Assim, “cultura (ampliação e possibilidades de diversos repertórios culturais), crítica (capacidade de análise, reflexão e avaliação) e criação (capacidade criativa de expressão, de comunicação e de construção de conhecimentos)” (2009, p. 79).

Monica Fantin acrescenta mais uma “letra C” que demonstra a Cidadania, onde acredita que cultura, crítica, criação e cidadania são “dimensões necessárias a um trabalho transformador na escola. E isso nos remete à necessidade de pensar a inclusão digital na perspectiva da cidadania” (2009, p. 79). É dessa forma que a Mídia-Educação é projetada, tornando os espaços escolares capazes de transformar e inovar a educação dando aos alunos o que eles realmente precisam: o poder transformador, o poder crítico, a cidadania.

2.3 - Educomunicação e Mídia-Educação: similaridades e diferenças

Em todas as áreas do saber existem divergências nos pensamentos. Há quem acredite na teoria criacionista e existem também aqueles que defendem o evolucionismo. Cada área tem suas convicções e seus estudos que mostram pontos convergentes e divergentes em determinados temas. A sociologia mostra que não há uma verdade absoluta no universo em que vivemos, há de certa maneira, respostas que se aproximam do que seria ou deveria ser o correto. Vendo por essa perspectiva isso acaba por contribuir com os estudos, pois sempre se está a procura do saber.

Algumas pequenas diferenças existem em entre dois termos utilizados, o da Educomunicação e o da Mídia-Educação, mas nenhum é considerado errado. Como havia citado, não existem verdades absolutas. Os estudos realizados em todas as áreas do saber contribuem para a pesquisa e o desenvolvimento de sistemas e das pessoas. Em relação aos campos da Educomunicação e Mídia-Educação existem os dois lados, o que se volta mais para a comunicação e o outro para a educação. Na perspectiva da ME o educador é o professor que se graduou e que busca o conhecimento das tecnologias para dentro de sala de aula e não acredita que qualquer um, sem formação na área da pedagogia possa realizar o mesmo trabalho.

Na perspectiva dos estudos da comunicação o Educador é aquele profissional da área da Comunicação que se especializa nessa área e atua em escolas, nos meios de comunicação de forma a ajudar e mostrar como as tecnologias podem ser utilizadas como forma de mediação dentro de sala de aula, pois a tecnologia não educa, mas cria interesse nos alunos e professores. Dessa forma o educador não tem o papel de educar para as mídias, pois se pensa que isso vá muito além da análise e sim de aproveitar o lado positivo das TICs para a construção do conhecimento.

Outra característica diferente em relação aos termos é quanto ao objetivo de cada um. A educomunicação é pensada como a interface dos dois campos distintos, a educação e a comunicação em que juntas, dentro de ambiente escolar e aliadas às tecnologias estabelecem o diálogo formando um ecossistema comunicativo de troca de saberes entre professor e aluno. As mídias e as tecnologias são vistas como positivas, pois por meio da teoria das mediações mostrou-se que elas não alienam o receptor e sim, por meio dos lugares de mediação o sujeito é ativo.

O objetivo da ME já questiona as mídias e tenta fazer com que os alunos analisem as mídias e seus significados, pois acreditam que elas não sejam neutras. O uso das TICs dentro desta perspectiva volta-se para a educação das mídias, diferente da educomunicação que não se apresenta somente como uma prática de ensino e sim, um conceito que dá a abertura para diferentes conexões envolvendo várias áreas do conhecimento.

Essas duas correntes de estudos são válidas e se complementam, chegando a se confundir muitas vezes. Uma vista pelo olhar da comunicação e outra na perspectiva da educação. Vale lembrar que as duas estão contribuindo para as pesquisas, mostrando de que o diálogo e as tecnologias ganham espaço na sociedade mídia que vivemos. Elas apesar de demonstrar diferenças, acreditam no mesmo objetivo, o de encontrar uma mediação possível para mudar a educação e torná-la mais libertadora e crítica.

3 - EDUCOMUNICAÇÃO NA REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL

A Região Celeiro localiza-se na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e é formada por 21 municípios: Barra do Guarita, Bom Progresso, Braga, Campo Novo, Chiapetta, Coronel Bicaco, Crissiumal, Derrubadas, Esperança do Sul, Humaitá, Inhacorá, Miraguaí, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, São Valério do Sul, Sede Nova, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três Passos e Vista Gaúcha. Sua economia baseia-se na produção de grãos e na pecuária. A região tem esta denominação, pois é considerada celeiro do estado, pela grande quantidade produzida de soja, milho e trigo. A população total da região é de aproximadamente 137.055 mil habitantes.

O primeiro município fundado na Região Celeiro é o de Três Passos, em 28 de dezembro de 1944, sendo o 92º município criado no Rio Grande do Sul. Esperança do Sul, emancipado em 28 de dezembro de 1995 é o município com data de fundação mais recente. A diferença entre a fundação dos dois municípios é de 51 anos, já que, a data e o mês são os mesmos. A tabela abaixo apresenta dados sobre os 19 municípios integrantes da Região Celeiro, que fazem parte desta pesquisa, trazendo informações específicas sobre a data de fundação, número de habitantes, de escolas municipais e de alunos e o respectivo secretário de educação e coordenador pedagógico.

Tabela 1 – Dados dos Municípios pesquisados

Município	Data de Fundação	Número de habitantes	Número de Escolas Municipais	Número de alunos na rede municipal	Secretário de Educação	Coordenador Pedagógico
Bom Progresso	20/03/1992	2.328	5	248	Jussara Reis Martins	Reni Wolff
Braga	15/11/1965	3702	4	311	Vera Maria Venzo	Ademar Adolhe
Campo Novo	31/01/1959	5500	5	565	Carla Renati	Carla Andréia Juver

					Andriguetto	
Chiapetta	15/12/1965	4.044	5	401	Tânia Maria Beck	Simone Fín
Coronel Bicaco	14/04/1964	7.748	6	711	Clarice de Oliveira	Maristela de Souza
Crissiumal	18/12/1954	14.000	10	1305	Terezinha Maria Schawke	Raquel Beatris Vettorello
Derrubadas	20/03/1992	3.190	7	456	Ana Valéria Gaviraghi	Raqueline Janke
Esperança do Sul	28/12/1995	3.755	3	420	Marcelo Cardoso Trindade	Eraldo Carls
Humaitá	18/02/1959	4919	4	559	Marli Sandrí	Lucia Melo
Inhacorá	20/03/1992	2.267	3	406	Antônio Rolim	Ana Lucia Bueno Rolim
Miraguaí	15/12/1965	4.875	4	475	Arlindo Morais	Cleoni Marlete Almeida
Redentora	12/04/1964	10.222	9	624	Vanderlei da Rosa	Mariluce Trindade
Santo Augusto	17/02/1959	14.000	8	1309	Zaira Meirelles Rotilli	Regina Daronco
São Martinho	27/11/1963	5.773	3	508	Fabiana Copetti Ragassom	Ana Rodrigues

São Valério do Sul	20/03/1992	2.645	2	148	Fábio José Fernandes	Miraci Crzechota
Sede Nova	09/05/1988	3.060	2	365	Jacinta Avozani	Adrina Mossmann Backes
Tenente Portela	18/08/1955	14.112	11	1212	Geni Kasper Carboni	Salete Maria Brum Moresco
Tiradentes do Sul	20/03/1992	6.941	5	374	Loreni Terezinha Primaz	Marisa Inês Neumann
Três Passos	28/12/1944	23.974	16	2037	Neiva Fátima Becker	Rosana Scherer

Fonte: Elaboração própria. Dados referentes ao ano de 2014.

Os municípios pesquisados representam um total de 110 escolas responsáveis pela educação de 12.434 mil alunos. Do total de escolas, 45 localizam-se no interior das cidades. São Valério do Sul e Tiradentes não possuem escolas na cidade, somente no interior. Encontram-se na cidade creches municipais e escolas estaduais. Em Sede Nova não há escolas no interior do município, pois todas foram nucleadas a fim de centralizar o ensino e diminuir gastos. O município com maior número de estudantes e escolas municipais é o de Três Passos, que corresponde a 2.037 alunos e 16 escolas.

3.1 - Metodologia

A pesquisa de campo foi realizada com os secretários municipais e coordenadores pedagógicos de 19 dos 21 municípios que constituem a Região Ceileiro, previamente contatados por telefone e por e-mail, a partir de uma carta de recomendação da professora orientadora do trabalho. O deslocamento se deu com o apoio da família, sendo que o pai da pesquisadora percorreu com ela toda a região, levando-a em carro próprio e a esperando até que as entrevistas fossem realizadas. A pesquisa consistiu em uma entrevista semiestruturada de caráter qualitativo com o objetivo de compreender como as mídias e as tecnologias estão sendo utilizadas e qual a importância que elas vêm ganhando em ambiente escolar.

As entrevistas, a partir de quatro perguntas básicas, foram efetivadas de duas formas, conforme o andamento da pesquisa e os contatos estabelecidos, ou seja entrevista pessoal gravada, em 17 municípios e entrevista por e-mail com dois. Em 17 municípios foram contatados todos os secretários e coordenadores para marcar o dia em que seria feita a entrevista. O questionário foi realizado em cada cidade, onde quase todos os representantes das secretarias de educação foram entrevistados. Em alguns locais a entrevista ocorreu com somente um dos responsáveis da SMEC. Além da pesquisa, foram coletados alguns dados após o término das entrevistas. Os secretários e coordenadores da maioria dos municípios informaram os dados. Em outras cidades, os entrevistados pediam ajuda para as pessoas ligadas a essas áreas, como diretores de escolas, pessoas que trabalhavam nas prefeituras. A lista com os itens procurou saber qual o número de habitantes dos municípios, as escolas, sua identificação e o número de alunos da rede municipal. Os dados buscados serviram de apoio para construir a tabela representada acima.

Em quatro municípios, por razões de acesso e dificuldade para agendamento, as entrevistas foram enviadas via e-mail e apenas dois responderam. Foram contatados por telefone primeiramente os representantes das secretarias municipais de educação, quando foi explicado sobre os objetivos da pesquisa e informado que seria enviado via internet (e-mail) o questionário para os secretários, coordenadores pedagógicos e uma lista solicitando alguns dados estáticos sobre o município e suas escolas. O tempo estipulado para as respostas foi de duas semanas. Durante este tempo foi ligado novamente para ter um retorno e saber se os e-mails tinham chegado. O prazo foi estendido e somente duas cidades retornaram a entrevista respondida.

Todas as entrevistas que foram realizadas com a visita da pesquisadora ao município foram gravadas e transcritas para melhor armazenamento e análise. As duas entrevistas feitas por e-mail tiveram as respostas escritas e também foram armazenadas para depois serem analisadas. A escolha por uma pesquisa qualitativa visa a uma análise qualitativa dos questionamentos a fim de compreender a forma como cada secretário e coordenador pedagógico pensa sobre o assunto e inclui as tecnologias e as mídias na proposta ou práticas de educação de cada município. É, na verdade, a busca por multisaberes. Não há números e valores que digam como se dá a prática educacional na região. Os saberes compartilhados de cada município juntam-se para mostrar que não há somente um modelo sendo realizado, mas uma gama de

experiências que se somadas geram um universo grandioso e revelam a realidade da região.

A elaboração das perguntas foi pensada para que as respostas fossem mais do que um sim ou não, ou de apenas números para simbolizar que uma prática é boa ou ruim. O questionário produzido tinha o intuito de introduzir o assunto, para que houvesse uma discussão em torno do tema. As perguntas seguiram a sua ordem, mas ao longo da conversa entre pesquisador e responsáveis pela secretaria de educação de cada município, outras perguntas foram surgindo e se incorporando ao universo da pesquisa. O questionário é composto das seguintes perguntas, conforme mostram os quadros abaixo.

Quadro 1 - Questões para os Secretários

1. Como esta secretaria vê a relação entre as tecnologias, as mídias e a educação?
2. Quais são e como funcionam os projetos que estão em andamento neste ano nas escolas do município?
3. Que tipos de resultados estão aparecendo?
4. O que está sendo projetado nesta área para o ano que vem ou nos próximos anos?

Fonte: Elaboração Própria.

Quadro 2- Questões para os Coordenadores Pedagógicos

1. Como coordenador pedagógico, qual é a importância das tecnologias e das mídias para a educação?
2. O que a coordenação pedagógica tem percebido nas escolas deste município quanto ao uso das tecnologias e das mídias na sala de aula?
3. Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos professores em relação às tecnologias e às mídias na sala de aula?
4. Que experiências com tecnologias e mídias na educação estão ocorrendo neste município e quais os principais resultados alcançados?

Fonte: Elaboração Própria.

Outras perguntas foram surgindo durante as entrevistas gravadas e incorporadas ao questionário para melhor compreensão das práticas envolvendo tecnologias, mídias e educação. Em algumas entrevistas, como aquelas por e-mail, não se pode ter um envolvimento maior com o universo dos entrevistados. Verifica-se por isso a

importância de entrevistar as pessoas em ambiente físico, onde a relação é maior. Algumas das perguntas que não estavam no cronograma apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 3 – Outras questões

- A secretaria oferece cursos de capacitação?
- O professor tem receio de perguntar ao aluno quando não sabe manusear um aparelho?
- Que tipo de tecnologias e mídias eles utilizam nas escolas?
- Os trabalhos com tecnologias só utilizam a pesquisa ou aliam outras atividades?

Fonte: Elaboração própria.

As entrevistas foram feitas individualmente, ou seja, primeiro respondia o secretário e logo após o coordenador pedagógico. Em alguns municípios as entrevistas foram realizadas com a presença dos dois entrevistados e em outros municípios, quando havia mais de um coordenador pedagógico, eles respondiam conjuntamente. As respostas da pesquisa nessas situações eram mais discutidas, pois eles interagiam na entrevista do outro e mostravam as suas opiniões. As entrevistas efetuadas foram produtivas e mostraram o perfil da Região Celeiro quanto ao assunto da Educomunicação.

3.1 – A visão dos Secretários Municipais e Coordenadores Pedagógicos sobre comunicação e educação

As entrevistas realizadas nos municípios geraram diversas opiniões sobre o universo das mídias, tecnologias e educação. As respostas contribuíram para a melhor compreensão do tema pesquisado, ou seja, a educomunicação e as suas práticas com as TICs. É necessário traçar um perfil da região Celeiro a respeito desse novo conceito que vem sendo buscado cada vez mais pelas escolas.

Em todos os municípios os secretários e coordenadores pedagógicos foram questionados sobre como viam a relação das mídias, tecnologias e educação, na maioria das respostas foi ressaltada a importância que elas têm, principalmente no contexto tecnológico em que a sociedade está vivendo. Neste trabalho, os fragmentos recortados das entrevistas respeitam a fala original. A secretária de Educação do município de Braga, Vera Venzo, explica esse momento: “Hoje os alunos sabem mais de tecnologia

do que os profes de computação. Eles têm que buscar as tecnologias, a mídia e procurar estar dentro do que acontece, estar a par das coisas, para que isso possa ser trabalhado em sala de aula” (VENZO, 2014)².

Muitos secretários compartilham dessa opinião. Acreditam que a realidade é moderna e que precisam acompanhar. O modelo de escola tradicional já não é o suficiente, segundo Carla Andriguetto: “os nossos alunos nascem numa era digital e aquele estilo de aula que era acadêmico científico, um aluno sentado atrás do outro, com seu caderno, lápis e borracha, hoje ele já não surte mais tanto efeito” (ANDRIGUETTO, 2014)³. Para tanto, o professor e a escola precisam buscar a integração com as TICs. “Hoje para se ter um bom trabalho didático pedagógico nas escolas, na sala de aula e para que ocorra definitivamente o aprendizado, eles têm que estar interligados com a tecnologias e com a mídia, sempre se atualizando” (ANDRIGUETTO, 2014).

Durante as entrevistas os secretários e coordenadores destacam em seu diálogo a palavra “importância” ao relacionar mídias, tecnologias e educação. A maioria destaca que é importante inserir as tecnologias dentro de sala de aula. A coordenadora Adriana Mossmann Backes, de Sede Nova, explica que as tecnologias “com certeza são muito importantes, porque hoje em dia os alunos, mais ainda que os professores estão ligados nas tecnologias. Então o professor com certeza precisa se adequar, envolvendo as tecnologias para que desperte cada vez mais interesse deles” (BACKES, 2014)⁴.

Outros secretários e coordenadores acreditam na necessidade das escolas adquirirem o recurso das TICs. Fabio José Fernandes (2014)⁵, secretário de São Valério, comenta a realidade dos professores em seu município: “em nossas salas de aula nós não temos essas tecnologias disponíveis para nós desenvolvermos os nossos trabalhos pedagógicos e os alunos estão com todas as tecnologias em mãos”. Para ele, o uso das tecnologias é necessário: “seria muito importante os professores terem esse acesso para desenvolverem um trabalho de maior qualidade em relação à tecnologia” e acredita ainda que, “ele precisa ter a tecnologia como sua aliada e, poderá estar tendo os alunos com ele e desenvolvendo um trabalho melhor”.

² Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

³ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

⁴ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

⁵ Entrevista pessoal concedida em 19 de agosto de 2014.

O uso das tecnologias além de ser lembrado como importante, é avaliado pelos secretários e coordenadores por outros fatores. A coordenadora pedagógica de Campo Novo, Carla Andréia Juver (2014)⁶ destaca o papel das mídias como informação. Outra característica ressaltada pela Coordenadora de Derrubadas, Raqueline Janke (2014)⁷ é que as TICs vêm para, “melhorar o trabalho dos professores, o trabalho pedagógico nesta área”. O quadro abaixo mostra a opinião dos entrevistados sobre a relação tecnologia-mídia-educação:

Quadro 4 – Pontos positivos

- ✓ Objeto de pesquisa
- ✓ Crescimento individual
- ✓ Auxílio pedagógico na sala de aula
- ✓ Facilita o trabalho do professor
- ✓ Aprimora conhecimentos
- ✓ Instrui
- ✓ Cativa o aluno
- ✓ Elaboração de planos de aula

Fonte: Elaboração Própria

Além de caracterizar a tecnologia como importante em sala de aula os entrevistados destacam a necessidade de as TICs fazerem parte do cotidiano das escolas, assim como o livro, o quadro e o giz. Jacinta Avozani, secretária de Sede Nova, explica que “a mídia e a educação é uma questão em que você não tem como separar uma coisa da outra. Não existe mais hoje você trabalhar, vamos assim dizer, o conhecimento sem a mídia, sem a tecnologia” (AVOZANI, 2014)⁸. A tecnologia também é vista com uma diversidade de recursos para a educação. Ademar Adolhe, do município de Braga, vê a tecnologia como “uma fonte de recursos extraordinária para os alunos que estão interessados e que queiram exatamente usar para aumentar os seus conhecimentos e se qualificar e estarem atualizados” (ADOLHE, 2014)⁹.

⁶ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

⁷ Entrevista pessoal concedida em 03 de setembro de 2014.

⁸ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

⁹ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

Assim como na didática de Paulo Freire, a coordenadora de Crissiumal, Raquel Beatriz Vettorello (2014)¹⁰ acredita que a tecnologia faz com que haja troca de saberes. “Por meio dessa informação, ele traz para sala de aula e automaticamente está aprendendo com o aluno”, para ela, o professor não é o detentor do conhecimento e essas ferramentas não pode estar mais dissociadas de sala de aula e sim incorporadas para que professor e alunos sejam beneficiados.

Para Raquel, as tecnologias oferecem vantagens, pois a troca de saberes entre educador e educando faz com que ocorra uma aprendizagem significativa. Ela acredita que a educação não é bancária, ou seja, “o aluno senta lá e vem pra ele o conhecimento”, e sim, há uma troca de saberes. As tecnologias “abrem um leque, um horizonte”. Para o coordenador, Ademar Adolhe (2014), no “mundo globalizado, não podemos dispensar, sobre hipótese nenhuma, o uso da informática, da tecnologia da informação”. Além de estímulo e gerar interesse ele comenta que ela oferece vantagens em “todos os sentidos, na educação, na economia, na saúde, enfim, é um instrumento valioso para o aprendizado e o crescimento dos nossos alunos”.

Nas entrevistas alguns secretários e coordenadores advertiram para o uso das TICs sem um planejamento e um acompanhamento. A coordenadora de Educação de Humaitá, Lucia Melo, comenta que “Precisa-se envolver tecnologias dentro da escola, mas sempre com aquele mesmo pensamento de que tem que saber por que se está fazendo, como e por que se está fazendo, pra não correr o risco de você incluir coisas e não saber usar aquilo e não desenvolve coisa alguma” (MELO, 2014)¹¹. Para ela, a escola e o professor devem planejar o trabalho com as tecnologias tornando produtivo “e não um modismo”, como destaca a coordenadora pedagógica. Esse “modismo”, que ela destaca na entrevista, mostra que o ambiente escolar precisa incluir os meios de comunicação e utilizar, não somente “incluir coisas e não saber usar”, pois isso “não desenvolve coisa alguma”.

A secretária de Coronel Bicaco, Clarice de Oliveira (2014)¹², lembra que, ao pensarmos as tecnologias na educação algumas variáveis devem ser consideradas. Ela comenta que as tecnologias e as mídias são importantes, contudo “não deve ser o único meio para ensinar os alunos”. Além das TICs os professores “precisam apropriar-se de

¹⁰ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

¹¹ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

¹² Entrevista via e-mail concedida em 10 de outubro de 2014.

valores e relações que a tecnologia não conseguiu desenvolver”. Outro ponto interessante que ela destaca na inclusão digital é o ato comunicativo. Para Oliveira é um desafio fazer com que as experiências do dia a dia e as dos meios sejam trocadas sem que se perca o encanto. Ela acredita que a relação das tecnologias não deve ser maior que a relação cotidiana, precisa sim, ser um suporte e espaço mediador.

A rapidez, a abreviação de palavras, a linguagem coloquial são vistas como pontos negativos produzidos pelas TICs. Oliveira acredita que a internet e os meios abrem espaços para os desvios da aprendizagem. Isso porque, segundo a secretária, as crianças convivem diretamente com as tecnologias no cotidiano. Eles chegam à escola influenciados muitas vezes, por um modelo que aprendem na rede e que não é construtivo. Outros pontos negativos são destacados por outros secretários e coordenadores dos municípios:

Quadro 5 – Pontos negativos

- ✓ Falta de relacionamentos com as pessoas. Muitas só se relacionam com outras por meio de celulares e da internet.
- ✓ Utilizam muitas vezes só para o entretenimento.
- ✓ Jovens e crianças não prestam atenção quando o conteúdo não é com tecnologias.
- ✓ Utilizam fone de ouvido durante explicação do professor.
- ✓ No horário de pesquisa preferem entrar nas redes sociais.
- ✓ Elas (TICs) estão tornando a criança muito técnica.
- ✓ O aluno se liga muito na tecnologia e menos na questão da leitura de livros.

Fonte: Elaboração Própria

A internet, durante a pesquisa, foi lembrada por todos os entrevistados. A maioria tem o pensamento de que o fundamental nas escolas é primeiramente a questão de acesso à internet. O fato é de que crianças e jovens estão conectados neste meio e as escolas também precisam se adequar a esta realidade. Mas, alguns entrevistados advertem para o uso da internet somente como ferramenta de relacionamento nas redes sociais e entretenimento. Hoje, segundo a coordenadora de São Martinho, os jovens desempenham muito bem a questão de manuseio técnico das TICs, porém, quando precisam utilizar os meios como forma de pesquisa o conhecimento é pouco ou nenhum. Fabiana Copetti Ragassom dá um exemplo: “hoje tu pede pra um aluno montar

um slide no Power Point e ele não sabe, porque eles só vão para a internet e não vão usar as ferramentas do computador” (RAGASSOM, 2014)¹³. É importante mostrar ao aluno muito mais que a técnica e sim o grande espaço de geração de conhecimento que as mídias oferecem.

A tecnologia dessa forma, não deve ser pensada como ferramenta superior a todas as outras questões pedagógicas de uma escola. As TICs, segundo Clarice (2014), são necessárias, mas não podem “mascarar os reais problemas da educação”. Cada problema tem que ser trabalhado separadamente e as mídias não devem ser utilizadas para a solução de todos eles. As tecnologias tem papel de mediadoras na comunicação e agora no ambiente da educação estimulam a produção do conhecimento, por isso, conforme Clarice, “precisa-se de planejamento”. Ao encontro dessa ideia, a secretária de educação de Crissiumal, Terezinha Maria Schwanke, acredita que, “a escola deve se adequar as tecnologias para trabalhar com equilíbrio, ajudando o professor e não esquecendo também as leituras, as escritas” (SCHWANKE, 2014)¹⁴.

Apesar de grande parcela dos entrevistados ressaltarem a importância das tecnologias nas escolas há certa distância entre o reconhecimento do uso das TICs e a prática nesta direção. Conforme a secretária de Chiapetta, Tânia Beck, este distanciamento é causado por alguns fatores como “questão financeira e principalmente, às vezes por falta de conhecimento, de domínio das tecnologias” (BECK, 2014)¹⁵. Mas, há na realidade, um anseio por parte de professores e responsáveis em saber caminhos que levam ao melhor uso das TICs. Eles precisam de “alguém que possa dizer assim: ‘devemos ir por este caminho’ ou ‘com este investimento’ ou ‘com essa estrutura’ que seria um investimento mais adequado, aonde que nós vamos atingir esta qualidade da educação”. Embora não exista uma fórmula pronta, a importância destes meios é reconhecida, mas há um interesse em encontrar direções que indiquem quais tecnologias são indicadas a cada escola, para que elas consigam uma relação mais próxima e melhores resultados.

3.2 – Projetos de educomunicação: experiências e dificuldades

¹³ Entrevista pessoal concedida em 19 de agosto de 2014.

¹⁴ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

¹⁵ Entrevista pessoal concedida em 10 de setembro de 2014.

A Região Celeiro é constituída por pequenos municípios. O maior deles é Três Passos, mesmo assim, conta com uma população de aproximadamente vinte e quatro mil habitantes. A grande maioria dos municípios não tem muitos recursos para investir em melhorias na educação. Muitos secretários e coordenadores explicam que as condições financeiras os impedem de comprar ferramentas tecnológicas que seriam importantes para que professores desenvolvessem trabalhos com os alunos. Mesmo assim, todos os municípios de certa forma, com o pouco apoderamento das TICs realizam pequenos projetos pedagógicos envolvendo os meios.

Perguntados se sabiam o que é a teoria da Educomunicação, grande parcela dos responsáveis pelas secretárias municipais de educação nunca tinha ouvido falar sobre o assunto. A teoria eles poderiam até não saber, mas ao longo das entrevistas revelam que suas atividades pedagógicas envolvem experiências que podem ser caracterizadas como de educomunicação e por meio delas estimulam os alunos na busca de conhecimento. A prática demonstra que as escolas, mesmo com um desenvolvimento lento e as dificuldades em relação às tecnologias, faz o uso e está proporcionando cada vez mais aos professores e alunos espaços para essas atividades.

No desenvolvimento da pesquisa de campo os secretários e os coordenadores foram questionados sobre os projetos desenvolvidos nas escolas municipais. Muitos indicaram programas como o ProInfo¹⁶, Prouca¹⁷, Pnaic¹⁸ e o Mais Educação¹⁹ e outros

¹⁶ O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico das tecnologias de informática e comunicações (TICs) na rede pública de ensino fundamental e médio. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. Mais informações em: <http://portal.mec.gov.br>

¹⁷ O Prouca foi um registro de preços (RPN) do FNDE para que os estados e municípios pudessem comprar com recursos próprios ou com financiamento do BNDES.

Instituído pela Lei nº 12.249, de 14 de junho de 2010, o Prouca tem por objetivo promover a inclusão digital pedagógica e o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem de alunos e professores das escolas públicas brasileiras, mediante a utilização de computadores portáteis denominados laptops educacionais. Mais informações em: <http://www.fnde.gov.br>

¹⁸ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, quatro princípios centrais serão considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico: 1. O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador; 2. o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias; 3. conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade; 4. a ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem.

desenvolvidos pelos próprios municípios e escolas para trabalharem a prática com tecnologias nas escolas. Nas cidades em que há o desenvolvimento de projetos federais, as tecnologias utilizadas são os lap tops e notebooks, laboratórios de informática e lousa digital.

Em Campo Novo, por meio do programa Pnaic, as escolas realizam atividades utilizando o computador e outras formas de aprendizado. A coordenadora pedagógica explica como são desenvolvidos os trabalhos: “A gente tem trabalhado com sugestões de jogos virtuais com os alunos e que o professor, então, está sendo estimulado a ir pro laboratório e seus alunos pra fazer seus trabalhos lá. A questão da pesquisa também estimula os alunos a pesquisar é uma forma, tanto em livros, que você pode fazer a pesquisa na internet” (JUVER, 2014). Ela acredita que com o laboratório de informática a “escola tem alcançado sim, avanços na educação” e que os alunos encontram uma realidade igual a que convivem fora de sala de aula.

O programa ProInfo distribui para os municípios recursos tecnológicos para serem utilizados agregando mais conhecimento e interesse pelos alunos. As escolas do município de Humaitá, segundo Lucia Mello (2014) receberam a lousa digital. O instrumento facilita o aprendizado da criança, explica a coordenadora pedagógica. Ela também dá exemplo sobre a aplicação da ferramenta: “às vezes até uma célula, por exemplo, você fala em célula, mas o aluno não tinha esse conhecimento do que seria, até poderia desenhar, falar, mas com a tecnologia isso facilita bastante, porque você pode ver em dimensões diferentes, cores diferentes” também comenta que “tem movimento, tem formas de ver de ângulos diferentes, de parar e retomar então é interessante nesse sentido, que ele consegue tirar todas as dúvidas relacionadas ao conteúdo, bem explicado”. Para facilitar o manuseio do professor “vem junto Cds e DVDs relacionados a disciplina” e é dessa forma proporciona “o gosto pelo aprendizado” nos alunos e para os professores.

O Prouca também é desenvolvido por meio de notebooks para garantir o acesso a alunos de escolas do campo e também da cidade em que muitas vezes tem muita dificuldade de conseguirem equipamento para seus alunos. Em Bom Progresso os

¹⁹ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Mais informações em: <http://pacto.mec.gov.br/>

UCAs (computadores), que no total são dez computadores, perpassam por todas as escolas do campo, pois não possuem laboratórios de informática nestes locais. A secretária Jussara Reis Martins explica que o desenvolvimento deste projeto é realizado porque “o número de alunos nas nossas escolas é mínimo. Então, a maior escola de hoje, que está com maior número são oito alunos então satisfaz a clientela que temos” (MARTINS, 2014) ²⁰. Os alunos que estudam na escola do interior utilizam o centro digital ao lado da escola.

O programa Mais Educação é um projeto que vem sendo realizado nas escolas do município de Três Passos. Alguns resultados já foram apresentados em uma escola. A coordenadora de Educação Rosana Scherer explica que em uma escola do município já teve robótica incluída no programa Mais Educação. Ele foi “um projeto pra instigar os alunos, numa comunidade carente, para uma alternativa de trabalho, onde o professor criou uma oficina de montagem de computador, eles recolheram computadores velhos e reconstruíram outros e aí eles foram doados aos alunos, depois de serem montados” (SCHERER, 2014) ²¹. O resultado foi tão expressivo que a coordenadora comenta que outra escola irá aderir ao programa.

Além dos programas do governo que incentivam o uso de tecnologias na educação, os municípios e as escolas também adquirem equipamentos visando ao poder de mediação que tecnologias podem oferecer a alunos e professores, para que juntos realizem a troca de saberes. Projetos menores são incorporados à rotina das escolas e, ainda assim, oferecem uma introdução para as práticas educacionais. Nas entrevistas eles revelam as atividades e quais são as principais tecnologias usadas no desenvolvimento do conhecimento.

A sala de informática, o centro digital e o telecentro são designações que foram ditas ao longo de todas as entrevistas, nos 19 municípios questionados sobre práticas com as TICs. Em Chiapetta, as escolas contam com salas de informática e nelas são trabalhadas atividades de pesquisa e jogos. A coordenadora de educação, Simone Fín (2014) ²², acredita que o que se desenvolve ainda é “o básico da informática”, mas explica que os professores tentam promover atividades mais interativas.

No município de Derrubadas já houve projeto inovadores promovidos pelos alunos, como comenta a secretária de educação. Em uma escola, “tem um projeto do

²⁰ Entrevista pessoal concedida em 03 de setembro de 2014.

²¹ Entrevista pessoal concedida em 03 de setembro de 2014.

²² Entrevista pessoal concedida em 10 de setembro de 2014.

Grêmio estudantil que é uma rádio, mas ela não está em andamento esse ano”, mas ressalta que é um projeto neste sentido. Outro projeto é desenvolvido por um professor itinerante. Ele, segundo a secretária, Ana Valéria Gaviraghi, é um técnico que “trabalha aula de informática com os alunos em todas as escolas da rede” (GAVIRAGHI, 2014)²³. Normalmente, segundo a coordenadora Raqueline Janke, que complementa a explicação, “o professor de informática busca com o professor regular o que ele está ensinando para trabalhar dentro desse contexto. Aí ele trabalha a questão da informática, a partir daquilo que os professores da rede regular estão passando” (JANKE, 2014).

O município de Humaitá oferece aulas de informática aos alunos no turno inverso. Essa prática é realizada porque “muitos vem do interior, algumas pessoas não tem acesso, então, a escola é um espaço que dá acesso” e a secretária de educação acredita que o aluno precisa desses locais, pois “só pode fazer escolhas quando você tem conhecimento daquilo que existe, senão a pessoa não consegue fazer suas escolhas” (MELLO, 2014). Também no contraturno das aulas são oferecidas aulas de matemática com o auxílio das tecnologias. A coordenadora comenta que, “tem uma professora que acompanha esses alunos, principalmente, aqueles que encontram dificuldade na matemática” e são realizados “jogos para desenvolver o raciocínio lógico”.

Em São Valério, as escolas municipais estão localizadas no interior e não contam com salas de informática. Somente as direções dos colégios são informatizadas. No prédio da secretaria de educação da cidade existe um telecentro que conta com cerca de 15 computadores e um monitor de informática. As crianças e os jovens são levados semanalmente ao local para terem aulas de informática. Segundo a coordenadora Miraci Crzechota (2014)²⁴, “o professor que trabalha com formação na área e ele usa a tecnologia para auxiliar no trabalho pedagógico que os professores desenvolvem nas escolas”.

O município de Tiradentes do Sul também não tem escolas na cidade. A secretária comenta que quanto ao uso das TICs cada escola tem um projeto diferente, onde se trabalha a realidade daquela comunidade. Cada escola é localizada em uma comunidade e todas têm suas particularidades. Loreni Terezinha Primaz explica que todas as escolas “trabalham projetos, dentro do projeto político pedagógico da escola, mas de formas diferentes”. Ela também cita alguns exemplos mostrando que a tecnologia pode estar ligada a outras atividades, como a da agricultura. “Tem uma

²³ Entrevista pessoal concedida em 03 de setembro de 2014.

²⁴ Entrevista pessoal concedida em 19 de agosto de 2014.

escola, por exemplo, que está intensificando na questão da agricultura familiar, que tem uma comunidade mais articulada, mais organizada com isso, o aluno busca mais conhecimento sobre. Em outra escola a questão das profissões” (PRIMAZ 2014) ²⁵. Assim a relação das tecnologias não está somente ligada às aulas de informática, mas questões cotidianas e da realidade dos alunos.

Outra tecnologia que está presente na vida dos jovens e de qualquer outra pessoa é o celular. A ferramenta dentro do âmbito escolar não é permitida. No município de Três Passos há uma grande dúvida sobre a questão do aparelho, isto porque, segundo a coordenadora Rosana Scherer (2014), há uma preocupação com o furto do aparelho e a escola às vezes enfrenta problemas que seriam desnecessários se o uso fosse proibido. Mas o celular pode também ser uma ferramenta pedagógica. As coordenadoras comentam que uma professora realiza em suas aulas atividades com o aparelho celular. Ela desenvolve dinâmicas de escrita de mensagens para demonstrar se os alunos estão escrevendo corretamente e se conseguem interpretá-las. Essa é sem dúvida uma prática inovadora que desperta o interesse dos alunos.

No quadro abaixo estão listadas as tecnologias, que segundo esta pesquisa, são as mais utilizadas nas escolas da Região Celeiro.

Quadro 6 – Principais tecnologias na educação da Região Celeiro

Município	Projetos e tecnologias
Bom Progresso	Programa Proinfo com os UCAs.
Braga	Telecentro, informática.
Campo Novo	Laboratório de informática (salas do Proinfo), televisão, rádio.
Chiapetta	Projeto Pnaic, internet, data show e laboratório de informática.
Coronel Bicaco	Sala de informática, Mais-Educação, Pnaic.
Crissiumal	ProInfo, telecentro.
Derrubadas	Lousa digital, Mais-Educação, ProInfo.
Esperança do Sul	Datashow, multimídia, sala de

²⁵ Entrevista pessoal concedida em 03 de setembro de 2014.

	informática.
Humaitá	Salas de informática do Proinfo, lousa digital.
Inhacorá	Computador, televisão, vídeo, rádio.
Miraguaí	Datashow, computador.
Redentora	Laboratórios do Proinfo, Datashow, lousa digital.
Santo Augusto	Laboratório de informática.
São Martinho	Laboratório de informática.
São Valério	Centro de informática.
Sede Nova	Sala de informática, jogos interativos.
Tenente Portela	Programa Mais-Educação, laboratório de informática, telecentro comunitário.
Tiradentes do Sul	As escolas tem autonomia para escolhero projeto que cada uma se identifica. Utilizam dos computadores e internet.
Três Passos	Prouca, laboratório de informática, programa Mais-Educação.

Fonte: Elaboração própria

Além das várias tecnologias desenvolvidas pelas secretarias municipais de educação, outras são apresentadas nas entrevistas, como: data show, internet, televisão, rádio, jornal, vídeos, filmes.

Apesar do uso das tecnologias, muitas dificuldades são encontradas nos pequenos municípios da Região Ceileiro. Os secretários e os coordenadores de educação dos municípios relataram várias situações cotidianas que muitas vezes acabam impedindo o desempenho das tecnologias na educação.

As principais dificuldades em relação ao uso tecnologias são quanto aos professores. A secretária de Crissiumal acredita que o professor tem tido um avanço em relação às TICs, mas ainda há um despreparo, uma falta de manuseio por parte deles. Essa dificuldade, segundo Terezinha Maria Schawke, se dá, porque acham que lidar com os meios “é difícil e que muitas vezes até, eles acham que não são capazes de usar isso, de fazer com que a aula seja também prazerosa, por ter receio de usar o

equipamento que as escolas dispõem” (SCHAWKE, 2014). Esse receio acaba causando medo principalmente o de estragar o equipamento. Simples tarefas como ligar e desligar ou até mesmo conectar o computador a outros meios causa estranhamento por parte dos professores.

Em Tiradentes do Sul, a secretária comenta que os professores tinham muitas dificuldades para o manuseio das tecnologias, causada pelo medo de estragar. Ela explica que foram realizados cursos de capacitação para mostrar aos educadores que poderiam usufruir das ferramentas sem receios. Em Três Passos, além do medo de estragar os equipamentos as coordenadoras indicam outros motivos para o afastamento das TICs “o próprio receio particular, muitos não querem inovar, muitos estão em final de carreira já e tem uma barreira pra enfrentar” (SCHERER, 2014).

A coordenadora do município de Inhacorá, Ana Lúcia Rolim, relaciona o medo dos professores com a falta de contato direto com as tecnologias. Ela explica que se o professor “não é seguro no que está trabalhando, não consegue levar pra sala de aula” (ROLIM, 2014) ²⁶. Essa falta de segurança é causada pela “disparidade no conhecimento do professor e com o conhecimento do aluno”, pois nasceram em épocas diferentes. O público jovem nasceu em um ambiente que já estava todo informatizado e os outros não acompanharam o desenvolvimento e ficaram para trás. Ana acredita que os professores precisam realizar formações para colocar em prática o uso das TICs.

A coordenadora de Miraguaí, Cleoni Marlete Almeida²⁷, aposta em um “aperfeiçoamento nessa questão para que o trabalho possa ter um resultado” (2014). Essa ideia vai ao encontro do que a coordenadora de Santo Augusto escreve, em que há uma grande necessidade de aprimoramento por parte dos professores. Mas, segundo Zaíra Rotilli²⁸, os educadores não investem porque “muitas vezes não dispõem deste tempo ou mesmo não tem interesse” (2014).

A falta de acesso às tecnologias em relação aos professores não é vista como um problema no município de São Martinho. Segundo a secretária de educação, Fabiana Copetti Ragassom (2014), as dificuldades encontradas não são por falta de manuseio, já que “quase 100% dos professores tem computador, tem internet, na escola tem esse acesso”, mas o problema ocorre porque “muitos que dizem que não gostam do

²⁶ Entrevista pessoal concedida em 26 de agosto de 2014.

²⁷ Entrevista pessoal concedida em 15 de agosto de 2014.

²⁸ Entrevista via e-mail concedida em 09 de outubro de 2014.

computador, preferem trabalhar questão pessoal com o aluno”. Como a secretária fala, “eles têm uma ‘alergia’ à tecnologia”.

Nas escolas do município de São Valério os professores não têm dificuldades quanto ao uso das tecnologias, isto porque as atividades realizadas com as TICs são feitas em um telecentro, localizado na cidade, por um professor de informática. Na verdade algumas vezes passam para o responsável, conteúdos que estão trabalhando em suas aulas e é ele quem faz uma relação durante as aulas de informática. É por isso que a coordenadora do município não cita dificuldades em relação aos meios. Outro motivo pela pouca ou nenhuma aproximação de tecnologias é que as escolas são no interior e são informatizadas somente em suas direções.

Algumas das dificuldades encontradas estão relacionadas à época de nascimento da maioria dos professores em que não havia o desenvolvimento das tecnologias da forma como ocorre hoje. A coordenadora Ana Rolim explica que a tecnologia é muito recente. A maioria dos sistemas que são encontrados hoje começou a se desenvolver na década de 90 e “e a maioria dos nossos professores nessa época ou já estava formado ou recém estava iniciando a formação, mas uma formação de três, quatro anos não fez e nem as faculdades estavam preparadas pra passar isso pros alunos, pros professores” (ROLIM, 2014). A explicação para a falta de preparo de grande parte dos educadores segundo a coordenadora Simone Fín é de que “as universidades não preparam, os professores tem que correr atrás” (FÍN, 2014). Os professores não tem uma formação específica para indicar a melhor maneira de ensinar com a tecnologia, porque é na verdade é ele quem deve buscar descobrir como implementar essas questão dentro de sua realidade, com o grupo que está sob sua responsabilidade. E o processo de aprender e colocar em prática este aprendizado vai se construindo com o fazer educacional.

Em muitos municípios existem poucos recursos em tecnologias que despertem os alunos para a produção de novos saberes. Muitas secretarias sonham para suas escolas projetos maiores e melhores. A secretária Tânia Beck acredita que seria importante que o município adquirisse lousas digitais, pois são mais avançadas. Mas ao mesmo tempo, “o nosso professor ainda não está preparado, mas também o preparo vem à medida que se tem a tecnologia, não podemos esperar eles se prepararem” (BECK, 2014).

Na lista das dificuldades não existem somente as relacionadas aos professores, mas há problemas operacionais que causam impactos nas aulas que estão preparadas e frustrações nos professores. Em Campo Novo, as escolas encontram obstáculos quanto

ao desempenho das tecnologias. A secretária de educação Carla Andriguetto comenta que “o maior problema é chegar até a sala de laboratório de informática que hoje funciona e amanhã não. E aí o professor planeja a sua aula, sua pesquisa e chega lá e liga o computador mestre, que é o que dá cadeia pra todos e ele não funciona” (ANDRIGUETTO, 2014). Ela explica que “diversas empresas vem ali consertam ou dizem que não tem nada, desligam e vão embora e amanhã vem, liga, e nada funciona. Então nós queremos ter um laboratório que eficientemente esteja funcionando, para que o professor possa chegar lá e desenvolver essa pesquisa”.

As escolas do interior dos municípios lidam com outras dificuldades. O êxodo rural, segundo a coordenadora de Redentora, Mariluce Trindade²⁹, faz com que as pessoas se desloquem para a cidade e dessa maneira não há investimentos nestas escolas, pois a cada ano diminui o número de crianças matriculadas. Grande parte destes colégios estão sendo nucleados. E isso faz com que não se tenha a presença forte de tecnologias. Quem perde com isso são os educandos que não têm muitas experiências com tecnologias. Muitos professores, mesmo com dificuldades levam até as escolas os seus notebooks e fazem uso deles com as crianças.

Durante as entrevistas os representantes dos municípios comentaram que a implantação da internet nas escolas é muito recente. Várias escolas instalaram este ano. Muito do trabalho com tecnologias como a pesquisa, os jogos educativos on-line foram contemplados a partir da internet. Braga, Chiapetta, Miraguaí são algumas das cidades que não tinham acesso à internet em suas escolas do interior e que agora, podem desenvolver trabalhos voltados para a pesquisa e produção do conhecimento.

Ao longo das entrevistas foi acrescentada mais uma pergunta, se os professores tinham receio de perguntar aos alunos quando não sabiam manusear as tecnologias. As respostas foram variadas. Em Crissiumal, a coordenadora Raquel Beatriz Vettorello, não percebe receio nos professores, ao contrário, ela diz que há uma troca interessante. “Às vezes há um aluno que se destaca na sala por conhecer um pouco mais o equipamento, porque aquilo pra eles é do dia a dia, é palpável. Então em nenhum momento senti que eles ficassem constrangidos pelo aluno” (VETTORELLO, 2014)³⁰.

A coordenadora de Campo Novo acredita que não há receios por parte dos professores, porque hoje há uma troca entre professor e aluno. “Acho que nunca teve

²⁹ Entrevista pessoal concedida em 15 de agosto de 2014.

³⁰ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

esse momento de saberes diferentes, que o professor sabe um tipo de saber e o aluno de outro. Então, não é só o professor que ensina. Estamos vivendo esse momento que não é como antigamente em que era só o professor que sabia. Hoje o aluno também sabe e é instigado a dizer aquilo que sabe” (JUVER, 2014).

Na verdade, muitos ainda discordam dessa visão. A coordenadora Tânia Beck (2014) acredita que o professor quer ser o sabedor de tudo, mas acha que ele tem receio de pedir ao aluno pra ajudá-lo. No município de São Martinho, segundo a secretária de educação, há certo receio sobre a questão, pois ainda existe a ideia de que o professor tem que saber mais que o aluno. Fabiana avalia que o professor precisa saber os aspectos pedagógicos da sua área, “a outra parte que é a tecnologia, uso de celulares os alunos sabem mais, eles têm mais facilidade de aprender, então automaticamente aí vai acontecer a troca, que acho que todos vão sair ganhando” (RAGASSOM, 2014).

O receio pode acontecer antes mesmo de chegar à sala de aula. A coordenadora de Sede Nova, Adriana Mossmann Backes, acredita que o professor “não coloca no planejamento algo que ele não domina para não passar por um constrangimento maior em sala de aula” (BACKES, 2014)³¹. A coordenadora de Tenente Portela, Salete Maria Brum Moresco, também discute essa questão. No município os professores utilizam as tecnologias, contudo, não há um receio em pedir a ajuda e sim “quando ele tem insegurança ele se priva de utilizar, ele não usa” (MORESCO, 2014)³².

As situações de receio do professor quanto a perguntar sobre as tecnologias quando não sabem, ocorrem nos municípios, mas não são generalizadas. Muitos professores têm dificuldades, mas alguns saem da zona de conforto e pedem ajuda aos seus colegas de profissão ou aos alunos. É o que explica a coordenadora de Derrubadas: “Na maioria das vezes têm receio, mas alguns conseguem perguntar, fazem essa troca. Porque a gente sabe que tem alunos que sabem, que dominam bem mais do que alguns professores” (JANKE, 2014). No município há um professor de informática e em grande parte ele é procurado pelos professores para dar uma assistência.

Apesar das práticas educacionais e das dificuldades, os municípios projetam melhorias para os próximos anos, pois consideram a questão da tecnologia fundamental para o desenvolvimento do diálogo e da educação. O quadro abaixo mostra como cada município está pensando seus projetos e melhorias.

³¹ Entrevista pessoal concedida em 20 de agosto de 2014.

³² Entrevista pessoal concedida em 03 de setembro de 2014.

Quadro 7- Projetos para os próximos anos

Município	Projetos para os próximos anos
Bom Progresso	- Elaboração do plano municipal - Elaboração de atividades conjuntas com professor de informática e professor de sala de aula.
Braga	- Melhorias nos equipamentos e estrutura - Maior uso da informática
Campo Novo	- Licitação de empresas para que consigam resolver o problema de mau funcionamento dos laboratórios de informática.
Chiapetta	- A compra de lousas digitais.
Coronel Bicaco	- Construção do Plano Municipal de Educação com a comunidade.
Crissiumal	- Wi-fi para as praças da cidade - construção de uma sala de inclusão digital no prédio da biblioteca municipal.
Derrubadas	-continuar equipando as escolas - oferecer formações continuadas aos professores
Esperança do Sul	- aquisição de novos computadores
Humaitá	- algo em torno das tecnologias. - O planejamento é feito ao final do ano.
Inhacorá	- Formação continuada para os professores.
Miraguaí	- Não tem projetos específicos ainda para tecnologias. - Construção de uma escola e do museu.
Redentora	- Rever os PPPs de cada escola e elaborar projetos com tecnologias para cada uma.
Santo Augusto	- Inserir as tecnologias na grade curricular

São Martinho	- Contratar uma pessoa com formação de informática.
São Valério	- Obter salas de informática em todas as escolas.
Sede nova	- Ampliar as tecnologias existentes - A ampliação e adequação de espaços físicos.
Tenente Portela	- Formação com os professores sobre o uso das tecnologias.
Tiradentes do Sul	- Nenhum projeto com tecnologia foi pensado. A tecnologia é utilizada como recurso.
Três Passos	- Continuar com os trabalhos que vem sendo realizados. - Melhorar os laboratórios do ProInfo. - Buscar mais computadores para os laboratórios.

Fonte: Elaboração Própria

A partir dos projetos que as secretarias municipais vêm construindo pretendem reestruturar as propostas, investindo nas práticas educacionais. A melhoria dos equipamentos e a aquisição de tecnologias são pensadas por muitos municípios para que os professores instiguem os alunos a participarem mais das aulas e troquem experiências e conhecimentos.

3.3 – Perspectivas e tendências em comunicação e educação

A pesquisa de campo proporcionou conhecimento das práticas educacionais que são realizadas na Região Celeiro. Os 19 municípios que participaram das entrevistas demonstraram por meio das respostas como é a realidade desses locais a respeito da relação das TICs e da educação. Os resultados já expostos no trabalho revelam de forma parcial como está sendo pensado o universo das tecnologias dentro do ambiente escolar. A partir disso se constrói a análise do que foi exposto pelos secretários e coordenadores em relação ao tema Educomunicação e as práticas desenvolvidas na região.

O fato de ir pessoalmente a campo até os municípios para fazer a pesquisa, mesmo estando na mesma região, mostrou que há diferenças nos pensamentos e na prática com as tecnologias. Cada cidade tem suas peculiaridades e dificuldades quando o assunto envolve as TICs. Todos os entrevistados falaram sobre os problemas enfrentados com este novo universo das mídias que chegam até as escolas. Uns mais, outros menos. O pensamento antes mesmo de realizar a pesquisa de campo era de que muito já se avançou no campo da educação e dos meios. Entretanto, quando se conhece a realidade de perto, principalmente dos municípios da região estudada, se percebe de que este processo ainda ocorre de forma muito lenta e que é necessário uma política educacional que possa acelerar ou estimular as práticas educomunicativas.

As pesquisas e as teorias implementadas nas grandes capitais mostram uma realidade diferente do que vivem as escolas do interior. Não se pode afirmar aqui que elas são desconhecidas, pelo contrário, todos, mesmo não sabendo o que é a teoria da educomunicação, mostraram que utilizam as tecnologias e os meios a fim de melhorar o senso crítico dos alunos e como importante instrumento hoje nesta formação, mesmo que de forma simples e gradual.

O uso das tecnologias está avançando devagar, pois nem todos os municípios tem dinheiro para oferecer uma estrutura tecnológica moderna. Utilizam os recursos que já existem nos espaços escolares, alguns mais inovadores levam seus próprios materiais e na medida do possível os municípios tem ajudado com o que podem, para garantir que todos os alunos e professores tenham acesso a esses recursos. A questão não é inovação, é sim, trabalhar com o que está ao seu alcance, ao seu redor. Fazer com que aquele recurso supra todas as deficiências, mesmo não sendo a tecnologia de ponta.

As escolas, mesmo que de forma lenta e gradual estão abrindo os espaços para a inserção das mídias e acreditam que hoje é impossível trabalhar a educação sem pensar nas ferramentas tecnológicas que vieram para tornar o ambiente escolar mais atrativo, motivador e dialógico. Os coordenadores em sua maioria demonstram responsabilidade em oferecer as tecnologias através de projetos e capacitações para os professores. Eles entendem que essa geração não acompanhou o avanço das tecnologias e que precisam dar amparo da melhor forma possível. O espaço de formação dos cidadãos encontra, principalmente, duas dificuldades que serão comentadas e analisadas ao longo dessas páginas.

A falta de poder aquisitivo de grande parcela dos municípios e a dificuldade no manuseio das mídias pelos professores são pontos vistos durante as entrevistas e

caracterizam os dois principais obstáculos para a educação. Muitas escolas da região não tinham até este ano internet em suas escolas. Outras, pelo difícil local em que estão situadas, fator que onera o custo do valor de instalação, fazendo com que professores tenham que levar o seu próprio *modem* para que os alunos contem com mais uma ferramenta de pesquisa.

As escolas que não tinham internet até esse ano são, em sua maioria, espaços localizados no interior dos municípios. Isso caracteriza uma carência dos colégios situados nestes locais. Eles são sempre os últimos a receber as novidades. Seus alunos acabam perdendo com isso. Parte deles tem acesso às tecnologias em seu cotidiano e também precisam de auxílio dos professores para que além do entretenimento eles possam usufruir para o conhecimento.

Em um município a secretária e a coordenadora falavam sobre o êxodo rural, ou seja, a migração das pessoas do interior para os grandes centros. Um dos motivos certamente é de que as condições oferecidas nestes locais fazem com que as pessoas não se sintam estimuladas a viver ali. Exemplo disso são as escolas, muitas não oferecem uma estrutura para que o aluno fique motivado a aprender e acaba optando pelo ensino das cidades, que em sua maioria tem mais recursos. Com o advento da tecnologia em sala de aula os alunos localizados na zona rural anseiam também por espaços que contemplem este ensino.

Em outras escolas não há laboratórios de informática para os alunos. Para que o acesso seja realizado, eles precisam se deslocar nos municípios até os centros de informática. Em algumas cidades os próprios colégios levam os educandos até os locais. Mas não são todas as turmas que usufruem dessas vantagens. Em algumas escolas, as turmas do primeiro ao quinto ano tem acesso às aulas de informática. Em outras não é oferecido o recurso de computadores aos alunos das séries iniciais, somente aos que estão cursando as séries finais. Em alguns municípios, como por exemplo em São Valério, a escola leva os alunos até o centro de informática. Já em Braga, os estudantes contam com um telecentro na cidade, além do espaço que é oferecido na escola. O deslocamento do aluno é feito da maneira que ele conseguir. Como muitos estudantes do interior do município não tem computador em casa com acesso à internet, ele tem que ir até a cidade para utilizar os computadores do telecentro municipal. De certa forma isso motiva e desmotiva o aluno. Motiva porque o aluno precisa ter ou criar interesse para pesquisar e obter novos saberes, mas às vezes acaba desmotivando, pelo

fato de ter que se deslocar até conseguir o acesso para a pesquisa, causando desinteresse no aluno.

As escolas foram construídas em sua maioria anteriormente ao uso das novas tecnologias. Muitas delas não têm espaço para oferecer salas para que sejam instalados computadores, cuja tecnologia eles consideram mais interessante. Algumas salas de informática ocupam pequenos espaços que não são apropriados. Em outras, se precisa além de tecnologias, estrutura física para poder armazenar adequadamente as ferramentas tecnológicas. As secretarias fazem projetos futuros para a ampliação de espaços físicos para a criação de salas de informática, como no caso de Sede Nova, em que as escolas do interior foram nucleadas e localizam-se em somente uma escola, assim não contam com um espaço apropriado para armazenar, muitos materiais, como os computadores.

Os municípios, em sua maioria, utilizam os programas federais para conseguir verbas e equipamentos. Com a implantação de projetos os municípios e as escolas se comprometem a fazer o uso das ferramentas disponibilizadas garantindo que os alunos possam entrar em contato com as tecnologias, pesquisar e fazer com que o ambiente escolar seja mais interativo, promovendo uma troca de saberes entre professores e estudantes. Humaitá por exemplo, adquiriu lousas digitais para melhorar o ensino. O que é interessante é que os recursos tecnológicos que vem para as escolas dão um suporte com materiais complementares, para que os professores possam utilizar em suas aulas, além do que eles podem buscar com outras pesquisas.

No entanto, muitos equipamentos já vêm com sistemas próprios, como o computador e o programa Linux, o que acaba dificultando o trabalho dos professores. Os que sabem manusear a máquina, normalmente, usam programas diferentes do Linux, e um sistema novo acaba causando receio dos professores. Este é um problema que foi relatado durante a entrevista com a secretária de Campo Novo. Ela também comenta que outro problema é quando os computadores estragam e não há empresas para dar um suporte qualificado e o educador perde o seu planejamento de aula previsto com inclusão e uso das tecnologias.

Aliado as dificuldades encontradas nos municípios quanto aos investimentos em tecnologias, outro obstáculo a ser vencido é o afastamento dos professores em relação às TICs. Nos municípios em que foi realizada a pesquisa de campo, os secretários e coordenadores explicam que na grande maioria os professores não usam o recurso.

O que se tem percebido é que as escolas de uma maneira geral empenham-se em oferecer tecnologias, mas ao longo do caminho encontram problemas. Os professores tem dificuldade de manusear as TICs e isso faz com que o resto dos problemas seja consequência de não saber usar as ferramentas. Os educadores não acompanharam o ritmo das tecnologias e muitos acreditam que essa prática não é necessária. Primeiro, porque sempre seguiram um modelo tradicional, totalmente alicerçado nos livros, cadernos, canetas, quadro e giz. Para eles isso é uma tecnologia e fora disso tudo, o que há de novo atrapalha a sua lista enorme de conteúdos a ser trabalhada ao longo do ano. O segundo motivo é que as crianças não prestam mais atenção no professor quando estão na frente de um computador. Pensam que a tecnologia tem somente pontos negativos.

O que esses professores não perceberam é que os tempos são outros. A tecnologia está diante de todos e quem faz na maioria das vezes o uso são crianças e jovens, logo, eles vivem uma realidade diferente, mais ágil e que se ensinada pelos professores, pode ser mais educativa e formativa. Os livros não podem ser deixados de lado, pois são complemento, assim como a tecnologia. Aqui não se estuda a tecnologia como o centro de tudo, mas como uma possibilidade, como uma mediação. Quem está no centro é o professor e o aluno. É para eles que as possibilidades abrem espaços para garantir as trocas de experiências. Os conteúdos são necessários, porém melhor ainda se discutidos trazendo a realidade para dentro de âmbito escolar.

Os nativos digitais também se encontram nos pequenos municípios do interior do estado e do país. Eles têm uma capacidade enorme de fazer muitas atividades ao mesmo tempo e conseguem aprender. Nasceram em uma sociedade já toda informatizada e que apresenta aspectos positivos e negativos. A escola é o local onde esta prática tem que ser ensinada, para mostrar os aspectos positivos que as TICs oferecem, como a pesquisa, a curiosidade que faz com que aluno e professor dialoguem. Mas também pode mostrar que há o aspecto negativo e alertar quanto aos perigos que estão por aí. E dessa maneira que teremos jovens mais interessados nas aulas. Saber manusear as ferramentas tecnológicas não quer dizer saber buscar conhecimentos. O papel do educador é garantir que a facilidade que o aluno tem em acessar os recursos resulte em uma busca inteligente pelo conhecimento.

Uma desculpa usada para a não utilização de ferramentas tecnológicas é que alguns professores se encontram em final de carreira e por isso preferem utilizar seus próprios métodos para dar aulas. Não somente os professores que já estão concluindo

suas atividades deixam de utilizar estes recursos, educadores recém-chegados às salas de aulas se acomodam com o sistema e ao invés de inovar nos espaços escolares preferem seguir com a mesma fórmula. Aulas mais maçantes, alunos mais desinteressados. Este é um tempo de busca pelos multisaberes envolvendo todas as áreas e principalmente levar o aluno a compreender o cotidiano que o cerca.

Em várias secretarias a reclamação é a mesma, a de que não há professores de informática para trabalhar com os alunos. E quando há estes educadores a tarefa de trabalhar as TICs é passada para eles. Seria ideal que quando houvesse esta pessoa responsável, os dois professores planejassem e trabalhassem juntos na aula. Mas já que a realidade em que se encontram a maioria dos municípios não é essa, os próprios professores deveriam se interessar e buscar novas formas de dar aula e trabalhar com as tecnologias.

Há uma percepção sobre como as secretarias e professores pensam o uso das tecnologias. Elas acreditam que as aulas de informática devem ensinar o ABC da informática aos alunos, ou seja, ensinar a ligar, desligar o computador, abrir o e-mail, lições mais práticas, principalmente, quando se fala do ensino nas escolas do interior, pois as crianças não tem um computador em casa. Pensar a tecnologia é muito mais do que ensinar a ligar e desligar um computador e sim, abrir as portas para que os alunos manuseiem as ferramentas que o computador oferece e que constroem o conhecimento, o saber crítico e tornam cidadãos. Mostrar que o uso abre novos horizontes e não ter a preocupação de que as crianças ao tocarem as tecnologias irão estragar.

Uma das grandes dificuldades que os professores que não são da área da informática tem é de que a tecnologia deve ser utilizada com cuidado, pois os alunos poderão estragar. Muitos não desenvolvem atividades envolvendo o computador, pois aquele pensamento que se tem que a criança não tem medo de manusear irá acarretar problemas aos equipamentos. Muitos ficam longos períodos ensinando o aluno ligar e desligar o computador ou até mesmo oferecendo jogos para que não mexam em mais nada. Assim, o conhecimento fica limitado.

Professores, secretários e coordenadores talvez ainda acreditem que possa haver uma receita que ensine passo a passo o manuseio para se trabalhar as tecnologias dentro de sala de aula. Grande parte das secretarias busca por meio da formação continuada o bê-á-bá do ensino com tecnologias. De como realizar aulas mais interativas e interessantes para os alunos. Mas, não há uma receita pronta para o uso das tecnologias. A regra geral é utilizar com moderação todos os ingredientes, ou seja, pensar o todo das

TICs e junto delas aliar a conversa entre professor e aluno, a troca de saberes, onde professor e aluno vão construir juntos os conhecimentos. De nada adianta o professor chegar à sala de aula com uma indicação, se não conhece a realidade de seu aluno, não sabe as curiosidades deles, ou não os instiga. E isso só se constrói com diálogo. As TICs vêm para tornar o ambiente escolar um espaço de compartilhamento de saberes múltiplos que advêm dos professores e alunos. Elas cumprem o papel de mediadoras do conhecimento por meio da conversa, algo que com a expansão das tecnologias se perdeu. Hoje há muita informação, mas pouca comunicação e compreensão.

Uma solução seria o planejamento das aulas e que muitos reclamam de não ter tempo para fazê-lo. Assistir um filme sem um propósito, sem uma didática só irá preencher os espaços das aulas. Ir à sala de informática para deixar que os alunos utilizem jogos, sem ao menos serem educativos, também não é uma prática educacional. As tecnologias não podem ficar armazenadas em armários, mas tampouco usadas de forma qualquer.

Dentro da educação há um anseio de instalar as tecnologias dentro de sala de aula, mas, a ideia que chega primeiro é a de que os professores querem alguém que ensine o caminho, que indique que investimento é melhor ou que estrutura se adaptaria melhor. É preciso avaliar, planejar práticas tecnológicas que depois serão trazidas para sala de aula. Mas na verdade, não há um caminho que indique o que deve ser seguido. Cada escola a partir de suas escolhas pode construir a sua trajetória rumo à obtenção das tecnologias e sua utilização sem medo.

A falta de formação nas universidades sobre os as TICs cria insegurança. As formações continuadas oferecidas pelas secretarias não vem ao encontro das reais necessidades das escolas e dos professores. Eles acreditam que estes espaços não dão uma fórmula pronta para trabalhar essas questões, o que dificulta o entendimento. Muitas secretarias oferecem cursos, eles são incentivados a participar, mas ao final, poucos conseguem terminar o curso básico. Alguns realizam os cursos porque são obrigados, para cumprir a carga horária. Não há interesse próprio por questões dessa natureza. O desejo de inovar dentro de sala de aula não nasce, na maioria das vezes, do professor, mas sim de uma equipe que muitas vezes impõe metas para que os professores cumpram. Isso dificulta o processo de implantação de práticas educacionais nos espaços escolares. Cada município encontra algum motivo para o não uso das mídias. Outros ainda dizem que o professor não está preparado e não sabem quando estará.

O momento de se preparar seria durante a sua formação, mas já que na maioria das vezes isso não acontece, a busca tem que vir de dentro de cada um, de aproveitar as oportunidades que são oferecidas e de buscar dentro de sala de aula muitas das respostas para as perguntas. Saber utilizar de uma fonte de conhecimento que está todos os dias junto com o professor: o aluno. Quando ele perceber que é o mediador na sala e não sabedor de tudo, poderá ter a sua formação dentro deste universo que jamais pensou que iria obter. O professor depois de formado vai para a escola pensando que irá depositar todos os seus saberes neste local e para os alunos. Ele não acredita que dentro da escola poderá transformar o seu saber e os demais. É por isto que ainda há problemas de entendimento, pois grande parcela dos professores não dialogam, não aceitam que podem aprender junto com os alunos.

A dificuldade de manuseio e o desinteresse em utilizar as tecnologias não estão ligados à idade dos professores. Muitos professores com pouca idade e recém-formados se acomodam em um sistema monótono, quando na verdade, a realidade é totalmente diferente. Na sua frente existem crianças e jovens conectados com o mundo das tecnologias. Eles querem que a escola participe deste mundo tecnológico, para que ao mesmo tempo construa novos saberes.

Durante as entrevistas percebeu-se que a maioria dos secretários e coordenadores pensam a relação da educação, das mídias e tecnologias voltadas somente para a ferramenta computador. Para eles, a escola tem que, basicamente, oferecer computadores e noções de informática. Sem isso, a educação inovadora não acontece. Muitos acreditam que somente o computador pode criar interesse nos jovens e crianças. Dentro da educomunicação, todas as tecnologias são importantes. Elas têm o poder de mediar. Assim, o que importa não é o aparato utilizado e sim, se ele está criando espaço de diálogo entre professores e alunos. As tecnologias mesmo sem o poder de educar criam interesse nos jovens, o que é ainda mais proveitoso.

A grande queixa registrada é a da dificuldade encontrada no manuseio por parte dos professores e que os secretários comentam. E isso é devido ao despreparo dos professores e até mesmo do desinteresse por essa prática. Esquecem que o seu papel é fazer com que o aluno aprenda além dos horizontes, saiba decifrar as fórmulas e as utilize em seu cotidiano. Sem comunicação, sem a troca de experiências, o que resta é um ensino voltado para decorar tudo e não saber usar no dia a dia. A teoria da educomunicação quer que a escola esteja perto do seu aluno, saiba o que ele precisa e

intervenha na sua realidade. O importante não é a ferramenta, mas sim a mediação que elas oferecem.

Os estudos, neste trabalho, não querem mostrar qual a ferramenta ideal para ser utilizada e nem saber qual foi a mais mencionada durante as entrevistas nos municípios. A pesquisa quis observar como as secretarias estão vendo esse processo, de implantação das tecnologias e qual a relação que elas têm com a educação. Há certo receio pelos professores e certa neutralidade por parte das secretarias, pois não há um engajamento de procurar fazer com que todos os professores utilizem as TICs. Eles acreditam que o professor é que deve decidir se quer ou não utilizar. As secretarias, em sua maioria, oferecem os meios e os professores utilizam da maneira que ficar melhor e muitas vezes a melhor coisa que acham que precisam fazer é deixar guardado, para que o equipamento não estrague.

Assim, quem perde é o aluno que não pode expandir seus conhecimentos, o professor que não pode complementar os seus estudos e dos seus alunos, pois não sabe manusear as tecnologias e a própria secretaria que investiu em equipamento e não conseguiu um retorno satisfatório. E esse é um paradigma encontrado em todos os municípios, como fazer com que todos os professores utilizem as TICs? Sempre há alguém que não concorde em implantar plenamente as tecnologias ou fazer da sala de aula um espaço para o debate e a troca de ideias.

Ao longo da pesquisa nota-se que o processo de implantação das tecnologias e o seu uso está caminhando devagar. Há muito que caminhar ainda. Na verdade foram dados os primeiros passos no que se refere a um ensino inovador. O ensino formal e tradicional está muito presente na realidade dos municípios do interior do estado, principalmente, os que foram analisados na pesquisa. Os poucos investimentos, a falta de tempo dos professores, o despreparo na área da informática e tecnologias faz com que deixem de utilizar as ferramentas, pois acreditam que devem saber de tudo e ficam receosos em perguntar para os próprios alunos. Em outros casos o desinteresse em transformar a sala de aula em um ambiente de diálogo faz cada vez mais o sonho de tornar o ensino inovador virar utopia.

Os municípios que conseguem avançam aos poucos, pois mesmo sem total uso das tecnologias por parte dos professores, os secretários e coordenadores acreditam que seja de suma importância a implantação das TICs e fazem o possível para adquirirem

equipamentos e alguns até oferecem formações sobre o assunto. Dos 19 municípios entrevistados observa-se que quase todos estão neste mesmo patamar. Todos fazem uso de algum tipo de tecnologia, mesmo que não frequentemente. O maior desafio que eles terão pela frente, já que se encontram, em sua maioria, equipados é fazer com que todos os professores utilizem estes recursos, independentemente da área. O professor não deve passar a responsabilidade de ensino com TICs para o monitor de informática. Os dois devem trabalhar em conjunto.

A pesquisa realizada nos municípios da Região Cealeiro é uma amostra de uma questão central a ser resolvida na educação brasileira, ou seja, que todos os professores saibam da importância de trazer para sala de aula a tecnologia, como um suporte, como mediadora do ensino para que possam construir uma proposta educacional que envolva toda a escola. Mesmo com poucos recursos financeiros, quase todas as escolas possuem algum meio que vai desde a produção do jornal, do uso telefone, da câmera fotográfica, da televisão, rádio até a mais sofisticada sala de informática ou ~~da~~ lousa digital. O que falta na verdade é implementar uma proposta articulada, para que estes suportes não sejam meras ferramentas pedagógicas e sim instrumentos que contribuam para refletir sobre a realidade.

CONCLUSÃO

As práticas educacionais descritas ao longo do trabalho, mesmo que pequenas, nas escolas dos 19 municípios da Região Celeiro demonstram que um grande passo foi dado na direção de concretizá-las. As tecnologias são relativamente recentes e fez com que muitos professores não acompanhassem o desenvolvimento delas no mesmo ritmo. O resultado disso são experiências com as TICs ainda inferiores ao que se espera. A sociedade digital fez nascer os chamados nativos digitais conectados com tudo o que acontece. A escola seguiu com seu sistema tradicional evitando formas de aprendizado com uso das TICs. Hoje, percebe que não pode mais ignorar as tecnologias, pois elas fazem parte do dia a dia dos jovens, o seu principal público. Ela precisa buscar inovação tecnológica aliada à principal fórmula para o conhecimento: a comunicação, pois por meio dela que podem ser gerados espaços de troca de saberes para a formação de alunos mais críticos.

O estudo da teoria da educação é importante para entender que novos campos precisam ser estudados, pois a sociedade se desenvolve cada vez mais e é preciso entender cada nova etapa. Mais importante é a abertura de espaços para a pesquisa de novos temas que nos cercam. É necessário que as faculdades de comunicação instiguem os seus alunos a buscar assuntos do cotidiano para investigar. O Curso de Comunicação Social da Unijuí entende essas preocupações e promove a discussão dos novos estudos que são importantes para desvendar as necessidades nos dias de hoje. É por isso que a teoria é importante e aliada a ela as práticas fazem compreender como estão sendo utilizadas.

Esta pesquisa mostra alguns dos resultados do processo de como estão sendo realizadas as práticas educacionais no interior do Rio Grande do Sul, na Região Celeiro, e se percebe que ainda há um desconhecimento do que seja a Educação, embora já existam práticas que se enquadram nesse pressuposto. É importante ressaltar que somente o uso delas não irá solucionar os problemas da educação, como as dificuldades na aprendizagem e o desinteresse por parte dos alunos. A tecnologia por si não educa, ela deve ser pensada como uma ferramenta de mediação, que irá motivar o aluno e o professor na troca de experiências gerando os ecossistemas comunicativos, capazes de transformar a educação.

A pesquisa de campo realizada nos municípios da Região Celeiro apresenta-se como um diagnóstico das práticas educomunicativas desenvolvidas nas escolas e pode indicar caminhos para que esta proposta seja melhor refletida pelas políticas educacionais, tendo em vista que o principal benefício é a formação de jovens melhor preparados para a sociedade no sentido de se tornarem mais críticos em relação aos conteúdos e à cidadania. Os secretários de educação e coordenadores pedagógicos entrevistados por meio de seus depoimentos ajudam na compreensão de como a relação entre as mídias, as tecnologias e educação são vistas. Por meio da análise observa-se que eles percebem a importância que as TICs têm nos dias de hoje dentro do campo da educação. As práticas mesmo que recentes causadas pelas dificuldades enfrentadas pelos professores e até pelo desinteresse e a falta de investimentos, revelam que de forma gradual muito já se desenvolveu e com certeza se expandirá.

Este trabalho de conclusão de curso constitui-se, portanto, em um documento que contribui para o desenvolvimento da educação e da comunicação nessa região do Estado, pois os dados apresentados aqui não estão disponibilizados em outro local e podem ser utilizados como fonte de reflexão, tanto de professores, quanto de organismos públicos responsáveis pelo desencadeamento de propostas que visem à melhoria dos processos de formação de crianças e jovens. Os estudos nasceram ainda na caminhada do curso, como bolsista de iniciação científica, e deram suporte na realização da pesquisa de campo e do trabalho em si. O interesse em pesquisar sobre educomunicação fez surgir a indagação de como a Região Celeiro está realizando a interação entre dois campos: a educação e a comunicação. É importante se deparar com o resultado e saber que, de alguma forma, esta pesquisa poderá cooperar para o aprimoramento de uma questão que diz respeito a um grande número de cidadãos que estão na área de abrangência do Curso de Comunicação Social e da Unijuí. Creio que desta forma foi possível concretizar a ideia de uma comunicação de caráter realmente social.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e das mensagens.** 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura;** Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FANTIN, Monica. GIARARDELLO, Gilka. **Diante do abismo digital:** mídia-educação e mediações culturais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 1, 69-96, jan./jun. 2009. Disponível em http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2009_01/Monica_Gilka.pdf. Último acesso em 14 de outubro de 2014.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação e cinema na escola.** TEIAS: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007. Disponível em <http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/174/172>. Último acesso em 15 de outubro de 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 35, p. 290-299, 2007. Texto disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>. Último acesso em 13 de outubro de 2014. ISSN: 1413-2478

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico:** modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n1, p.152-162, jan./jun. 2002. Texto disponível em http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19240/000095967.pdf?sequence=1&locale=pt_BR. Último acesso em 13 de outubro de 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra,1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em

http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_do_oprimido.pdf. Último acesso em 16 de outubro de 2014.

KAPLÚN, Mario. **Hacia Nuevas estratégias de comunicacion em la educacion de Adultos**. Oficina regional de la Unesco para America Latina y el Caribe. Santiago, Chile, Agosto de 1983.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999. Acesso em 09 de outubro de 2014. Disponível em <http://api.ning.com/files/dR26lCiX6Ej1UmSVtj1Qw9UvQlXgFXGXAUz9fUVc1ocygh1WdsB9w8lbuWbUDbnD73S07wODeXavupVm5piQW20y8RQK2L7r/LevyCibercultura.pdf>. Último acesso em 09 de outubro de 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 1997

SOARES, Ismar de Oliveira. **Cinema, Comunicação e educação**. Revista. Editora Moderna. Ano II- número 4- setembro/dezembro – 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. Disponibilizado em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em 16 de outubro de 2012.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Sites pesquisados:

<http://www.fnde.gov.br>

<http://www.freinet.org.br>

<http://www.pacto.mec.gov.br/>

<http://www.portal.mec.gov.br>

Entrevistas realizadas

ADOLHE, Ademar. **Entrevista pessoal**. Braga: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

ALMEIDA, Cleoni Marlete. **Entrevista pessoal**. Miraguaí: Secretaria Municipal de Educação, 15 de agosto de 2014.

ANDRIGUETTO, Carla Renati. **Entrevista pessoal**. Campo Novo: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

AVOZANI, Jacinta. **Entrevista pessoal**. Sede Nova: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

BACKES, Adriana Mossmann. **Entrevista pessoal**. Sede Nova: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

BECK, Tânia Maria. **Entrevista pessoal**. Chiapetta: Secretaria Municipal de Educação, 10 de setembro de 2014.

BECKER, Neiva Fátima. **Entrevista pessoal**. Três Passos: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

CARBONI, Geni Kasper. **Entrevista pessoal**. Tenente Portela: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

CRZETCHOTA, Miraci. **Entrevista pessoal**. São Valério: Secretaria Municipal de Educação, 19 de agosto de 2014.

FERNANDES, Fábio José. **Entrevista pessoal**. São Valério: Secretaria Municipal de Educação, 19 de agosto de 2014.

FÍN, Simone. **Entrevista pessoal**. Chiapetta: Secretaria Municipal de Educação, 10 de setembro de 2014.

GAVIRAGHI, Ana Valéria. **Entrevista pessoal**. Derrubadas: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

JANKE, Raqueline. **Entrevista pessoal**. Derrubadas: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

JUVER, Carla Andréia. **Entrevista pessoal**. Campo Novo: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

MARTINS, Jussara Reis. **Entrevista pessoal**. Bom Progresso: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

MELO, Lucia. **Entrevista pessoal**. Humaitá: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

MORESCO, Salete Maria Brum. **Entrevista pessoal**. Tenente Portela: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, Clarice de. **Entrevista via e-mail**. Coronel Bicaco: Secretaria Municipal de Educação, 10 de outubro de 2014.

PRIMAZ, Loreni Terezinha. **Entrevista pessoal.** Tiradentes do Sul: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

RAGASSOM, Fabiana Copetti. **Entrevista pessoal.** São Martinho: Secretaria Municipal de Educação, 19 de agosto de 2014.

ROLIM, Ana Lucia Bueno. **Entrevista pessoal.** Inhacorá: Secretaria Municipal de Educação, 26 de agosto de 2014.

ROTILLI, Zaira Meirelles. **Entrevista via e-mail.** Santo Augusto: Secretaria Municipal de Educação, 09 de outubro de 2014.

SCHAWKE, Terezinha Maria. **Entrevista pessoal.** Crissiumal: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

SCHERER, Rosana. **Entrevista pessoal.** Três Passos: Secretaria Municipal de Educação, 03 de setembro de 2014.

TRINDADE, Mariluce. **Entrevista pessoal.** Redentora: Secretaria Municipal de Educação, 15 de agosto de 2014.

VENZO, Vera. **Entrevista pessoal.** Braga: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.

VETTORELLO, Raquel Beatris. **Entrevista pessoal.** Crissiumal: Secretaria Municipal de Educação, 20 de agosto de 2014.